

**TRAJETÓRIAS A SEREM CONSTRUÍDAS
NA DOCÊNCIA: A PESQUISA PIBIC/EM NO
CURSO DE PEDAGOGIA**



Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Reitor

Luiz Mario Silveira Spinelli

Pró-Reitora de Ensino

Rosane Vontobel Rodrigues

Pró-Reitor de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação

Giovani Palma Bastos

Pró-Reitor de Administração

Clóvis Quadros Hempel

Câmpus de Frederico Westphalen

Diretor Geral

César Luís Pinheiro

Diretora Acadêmica

Silvia Regina Canan

Diretor Administrativo

Nestor Henrique De Cesaro

Câmpus de Erechim

Diretor Geral

Paulo José Sponchiado

Diretora Acadêmica

Elisabete Maria Zanin

Diretor Administrativo

Paulo Roberto Giollo

Câmpus de Santo Ângelo

Diretor Geral

Maurílio Miguel Tiecker

Diretora Acadêmica

Neusa Maria John Scheid

Diretor Administrativo

Gilberto Pacheco

Câmpus de Santiago

Diretor Geral

Francisco de Assis Górski

Diretora Acadêmica

Michele Noal Beltrão

Diretor Administrativo

Jorge Padilha Santos

Câmpus de São Luiz Gonzaga

Diretora Geral

Sonia Regina Bressan Vieira

Câmpus de Cerro Largo

Diretor Geral

Edson Bolzan



CONSELHO EDITORIAL DA URI

Presidente

Denise Almeida Silva (URI)

Conselho Editorial

Adriana Rotoli (URI)

Alexandre Marino da Costa (UFSC)

Antonio Carlos Moreira (UNOESC/URI)

Breno Antonio Sponchiado (URI)

Carmen Lucia Barreto Matzenauer (UCPel)

Cláudia Ribeiro Bellochio (UFSM)

Claudir Miguel Zuchi (URI)

Daniel Pulcherio Fensterseifer (URI)

Dieter Rugard Siedenberg (UNISC)

Edite Maria Sudbrack (URI)

Gelson Pelegrini (URI)

José Alberto Correa (Universidade do Porto, Portugal)

Leonor Scliar-Cabral *Professor Emeritus* (UFSC)

Liliana Locatelli (URI)

Lourdes Kaminski Alves (UNIOESTE)

Luis Pedro Hillesheim (URI)

Maria Teresa Cauduro (URI)

Marília dos Santos Lima (PUC-RS)

Nestor Henrique De César (URI)

Patrícia Rodrigues Fortes (CESNORS/FW)

Vagner Felipe Kühn (URI)

EDITE MARIA SUDBRACK
JULIANE CLÁUDIA PIOVESAN (Orgs)

TRAJETÓRIAS A SEREM CONSTRUÍDAS NA DOCÊNCIA: A PESQUISA PIBIC/EM NO CURSO DE PEDAGOGIA



Frederico Westphalen
2012



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/>.

Organização: Edite Maria Sudbrack, Juliane Cláudia Piovesan

Revisão Linguística: Wilson Cadoná

Revisão metodológica: Franciele da Silva Nascimento

Capa/Arte: André Forte

Projeto gráfico e impressão:

**O conteúdo dos textos é de responsabilidade exclusiva dos(as) autores(as).
Permitida a reprodução, desde que citada a fonte.**

Catálogo na Fonte elaborada pela
Biblioteca Central URI/FW

T688 Trajetórias a seres construídas na docência: pesquisa PIBIC/EM no curso de Pedagogia [recurso eletrônico] / Organizadoras: Edite Maria Sudbrack, Juliane Cláudia Piovesan. – Frederico Westphalen : URI- Frederico Westph, 2012.
88 p.

ISBN 978-85-7796-093-4 (versão *on-line*)

1. Formação de professores. 2. Educação. I. Sudbrack, Edite Maria.
II. Piovesan, Juliane Cláudia. III. Título.

CDU 371.13



URI – Universidade Regional Integrada
do Alto Uruguai e das Missões
Prédio 8, Sala 108
Câmpus de Frederico Westphalen:
Rua Assis Brasil, 709 – CEP 98400-000
Tel.: 55 3744 9223 – Fax: 55 3744-9265
E-mail: editorauri@yahoo.com.br, editora@fw.uri.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
A PESQUISA NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE.....	8
Amabile Marchezan, Luci Mary Duso Pacheco	
UNIVERSIDADE E ESCOLA: DIFERENTES CULTURAS QUE SE ENCONTRAM EM DIFERENTES MOMENTOS	14
Carla Cristina Tabolka, Eliane Maria Balcevicz Grotto	
ÉTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE	19
Fernanda Cristina Piovesan de Souza, Rosane de Fátima Ferrari	
AS COMPETÊNCIAS PARA FORMAÇÃO DE EDUCADORES.....	23
Géssica Martins Wodzik, Maria Cristina Gubiani Aita	
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	29
Anderson Sabino da Silva, Eracilda de Assumpção	
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	33
Enedina Martins da Silva, Rosane de Fatima Ferrari	
FORMAÇÃO DOCENTE: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA	39
Elaine de Fátima Fagundes, Eracilda de Assumpção, Silvia Regina Canan	
FORMAÇÃO DOCENTE: UMA REFLEXÃO	44
Débora Regina Vieira Rocha, Juliane Cláudia Piovesan	
FORMAÇÃO INICIAL E SABERES DOCENTES	50
Andressa Ellwanger Carlin, Juliane Cláudia Piovesan	
O CURRÍCULO NA FORMAÇÃO INICIAL DOS DOCENTES	57
Marisa Barbieri, Maria Cristina Gubiani Aita	
A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL	62
Andriéli Santos da Rosa, Elisabete Cerutti	
PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: UMA PROPOSTA EDUCATIVA	67
Amabile Marchezan, Luci Mary Duso Pacheco	
POLÍTICAS DE FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES NO BRASIL.....	75
Letícia Rodrigues da Silva, Edite Maria Sudbrack	
A ASSOCIAÇÃO DA TEORIA E PRÁTICA COMO O IDEAL PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES	82
Ana Paula Sassanovicz, Elisabete Cerutti	

APRESENTAÇÃO

Pesquisar é sempre também dialogar, no sentido específico de produzir conhecimento do outro para si, e de si para o outro, dentro de contexto comunicativo nunca de todo devassável e que sempre pode ir a pique. Pesquisa passa a ser, ao mesmo tempo, método de comunicação, pois é mister construir de modo conveniente a comunicação cabível e adequada, e conteúdo da comunicação, se for produtiva. Quem pesquisa tem o que comunicar. Quem não pesquisa apenas reproduz ou apenas escuta. Quem pesquisa é capaz de produzir instrumentos e procedimentos de comunicação. Quem não pesquisa assiste à comunicação dos outros. (DEMO, 2001, p. 39).

A publicação que se apresenta faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/EM), através do Edital do CNPq - 08/2010. O projeto objetivou oportunizar ao estudante de Ensino Médio, do Curso Normal, a construção de bases teóricas relativas à formação inicial docente, desenvolvendo no discente o espírito pesquisador, tão necessário para o professor. Também, possibilitou o contato com mestres e doutores, especialistas na área de formação docente, proporcionando uma relação Ensino Médio e Universidade.

Pensar a formação inicial do professor é desvelar um caminho que ora se desenha frente aos rumos que o sujeito docente poderá transitar em sua formação. Construir a subjetividade docente torna-se, cada vez mais, um desafio aos professores formadores, que necessitam desenvolver, junto aos futuros profissionais, um conjunto de saberes teóricos e metodológicos, bem como, a competência e a habilidade em resolver conflitos e compreender o universo de relações interpessoais.

É na formação inicial, que o professor formador irá trazer as bases fundamentais para a construção de um profissional comprometido e responsável pela educação transformadora. Por isso, são tão importantes os primeiros anos de formação, dada a relevância da reflexão e da leitura do campo teórico que vai estruturar sua futura prática pedagógica.

O meio acadêmico torna-se um espaço fértil para tais reflexões, pois agrega uma série de saberes e diálogos que dão suporte para um pensar certo, na construção de conhecimentos essenciais para a formação dos futuros profissionais da educação, primando pela qualidade da educação, tão necessária na contemporaneidade.

Os capítulos que se delineiam são os estudos fundamentados no período do projeto, o qual abrangeu as seguintes temáticas:

- 1 A pesquisa na formação inicial docente
- 2 Universidade e escola: diferentes culturas que se encontram em diferentes momentos
- 3 Ética na formação docente

- 4 As competências para formação de educadores
- 5 Avaliação da aprendizagem
- 6 Dificuldades de aprendizagem
- 7 Formação Docente – uma reflexão necessária
- 8 Formação Docente: uma reflexão
- 9 Formação inicial e saberes docentes
- 11 O currículo na formação inicial dos docentes
- 12 A importância do lúdico na formação de professores da Educação Infantil
- 13 Pedagogia da Alternância: uma proposta educativa
- 14 Políticas de formação inicial dos professores no Brasil
- 15 A associação da teoria e prática como o ideal para a formação de educadores

O desafio da Universidade é a formação de profissionais pesquisadores, que congreguem competências, saberes e habilidades, que saibam trabalhar em equipe, com capacidade de adquirir e produzir conhecimentos, não sendo somente reprodutores de conhecimentos já estabelecidos.

Assim, as construções teóricas, estudadas nesse projeto, são as bases fundamentais para alicerçar a formação docente, as quais desenham a presente publicação.

Juliane Cláudia Piovesan
Coordenadora do Curso de Pedagogia
URI/FW

A PESQUISA NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

Amabile Marchezan¹
Luci Mary Duso Pacheco²

INTRODUÇÃO

O presente estudo parte da perspectiva de que a pesquisa é um método pedagógico no qual professores e alunos adquirem conhecimentos juntos, em um processo dialético. Neste sentido a pesquisa será debatida em suas particularidades, tanto nos projetos quanto ela individualmente.

No intuito de mostrar a importância da pesquisa na aquisição da aprendizagem significativa, citamos o processo de construção e reconstrução dos conhecimentos que são adquiridos, bem como a participação da pesquisa para formar seres críticos. Além disso, o artigo traz a relevância da formação dos educadores através da pesquisa.

1 QUE É PESQUISA

Dentro do contexto escolar, a pesquisa se apresenta como um método de ensino, sendo para os professores um instrumento pedagógico, que se destina a produzir novos conhecimentos nos alunos.

Como um método de ensino ela relaciona o que é estudado com a vida prática. É a verdadeira fonte de saber, pois conduz ao domínio de habilidades, facilita a construção de conhecimentos, além de integrar o aluno em seu contexto, pela investigação e reflexão sobre a realidade, desenvolvendo nele uma consciência crítica do mundo.

Pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade. Segundo o autor, é a atividade que vai permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que auxilie na compreensão desta realidade e oriente as ações frente a ela tomadas (PÁDUA, 2002, p. 54).

¹ Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/Ensino Médio - CNPQ, URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS.

² Doutora em Educação. Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen. Orientadora do PIBIC-EM. Docente do PPGEduc.

Toda a pesquisa se destina a produzir novos conhecimentos em quem a está fazendo, tornando-as pessoas participativas, conduzindo-as a ver a sociedade de uma maneira diferente e despertando a curiosidade para saber mais.

Para o autor Martins (2001, p.39) “o trabalho com pesquisa na escola é altamente educativo, pois envolve o aluno, fazendo-o deixar de ser ouvinte repetidor de conteúdos e passe a agir e a refletir com consciência crítica diante dos fatos estudados”.

Martins (2001, p. 71) classifica a pesquisa conforme sua finalidade: a) pesquisa espontânea; b) pesquisa simples; c) pesquisa científica ou sistematizada.

a) “Pesquisa espontânea: não necessita de um planejamento, é algo que já temos conhecimento apenas no olhar.”

Esse tipo de pesquisa visa obter dados imediatos sem planejar um roteiro para ser seguido. Em muitas situações é realizada sem perceber, por exemplo, quando olhamos para o céu sabemos se vai chover ou não.

b) “Pesquisa simples: visa obter dados imediatos por meio de um roteiro a ser seguido. Ela será bibliográfica quando envolver fontes de referências, documental quando as fontes consultadas forem arquivos, relatórios, registros, filmes, etc. Há também a testemunhal que visa obter informações através de depoimentos e entrevistas.”

Ao realizarmos a pesquisa simples deve-se planejar um roteiro. Ela será bibliográfica quando envolver consulta a livros, revistas, etc. Será Testemunhal se contiver informações por meio de depoimento, podendo ainda ser de observação pela qual se armazena dados por meio da observação do ambiente, das conversas e entrevistas.

c) “Pesquisa científica ou sistematizada é a que é planejada de acordo com princípios científicos e se apresenta em forma de projeto.”

Esse tipo de pesquisa deve seguir a sua metodologia, usando as suas próprias técnicas, como a de relação de resultados obtidos com os conhecimentos que tinham antes de realizar a pesquisa.

2 A PESQUISA EM SALA DE AULA

A pesquisa em sala de aula é uma das maneiras de envolver os sujeitos, alunos e professores, num processo de questionamento das verdades implícitas e explícitas, propiciando a partir disto a construção de argumentos que levem a novas verdades.

O professor deverá proceder primeiramente escolhendo o tema ou assunto que será pesquisado e estudado pelos alunos, ao expor o tema aos alunos fará um questionamento

sobre o que eles sabem o que despertará a curiosidade, o querer saber mais. Eles terão que responder a tal questionário baseando-se no senso comum, formulando seu próprio conhecimento sobre o assunto.

Conforme Demo (2002) “a capacidade de questionamento da pesquisa não admite resultados definitivos”. Conforme este pensamento e o real sentido da pesquisa os resultados não serão definitivos, pois com o aprofundamento dos estudos acerca de um tema, surgem cada vez mais dúvidas o que dificulta estabelecer uma definição exata para o assunto pesquisado.

A pesquisa acontecerá após tal questionamento, no qual os alunos irão aprofundar seus saberes, entrando em contato com o sentido científico do fato estudado, seja por meio da internet ou de livros. Anotando, fazendo as observações necessárias sobre os assuntos que lhes chamarem atenção, para depois mostrar ao professor, para debater com ele e os demais alunos os conhecimentos adquiridos com os que eles tinham até então.

O professor, observando o aluno confrontar os conhecimentos que ele tinha com os que ele adquiriu com a pesquisa, o avaliará de forma com que o aluno identifique os erros ou falhas cometidos para superá-los.

Para o autor Martins (2001), só após os alunos verem o resultado da pesquisa é que perceberão que o que eles sabiam era pouco e incompleto e que necessitavam ainda estudar muito para verem as coisas cientificamente de maneira mais satisfatória.

3 IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR COM PROJETOS EM SALA DE AULA

Martins (2001, p. 82) diz que “os projetos, como estratégia de aprendizagem, fazem com que os alunos sejam os criadores e os construtores de sua formação”. Isso revela que todo o projeto que é bem planejado e executado gera resultados positivos nos educandos.

Dessa forma, a relevância dos projetos pode ser relatada em alguns tópicos:

- Os projetos de pesquisa ajudam na construção de conhecimentos a partir do que os alunos já sabem.
- Estabelecem uma relação entre teoria e prática, tornando a explicação dos conteúdos mais clara e objetiva.
- São estratégias de aprendizagem, pois fazem com que os alunos sejam os construtores do seu conhecimento, sendo a pesquisa a base dos seus estudos, pela busca do por quê das coisas.
- Nos torna seres participantes ativos do desenvolvimento de nossas capacidades.

- Faz avançar nossa compreensão da realidade, nossa capacidade de explicar e compreender fenômenos.

- Quando trabalhados corretamente envolvem diversas disciplinas.

Assim pode-se dizer que os projetos ajudam na elaboração de novos saberes, pois se relacionam a diversos conhecimentos num mesmo contexto, transformando cada área do conhecimento uma parte integrada do todo.

4 CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA NA APRENDIZAGEM

A pesquisa, sendo um método de ensino, não só contribui por auxiliar os professores em seu dia a dia em sala de aula, mas também por ser uma maneira didática de estimular a construção e reconstrução do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem.

A pesquisa deve fundamentar o ensino, ser matéria prima do conhecimento. É um princípio científico e educativo que faz parte do processo emancipatório. Pesquisa deve ser vista como processo social que perpassa toda vida acadêmica e penetra na medula do professor e do aluno. (DEMO 2002, p. 36).

A pesquisa proporciona uma troca constante de informações, além de permitir que o conhecimento seja adquirido de forma prazerosa e transformadora, favorece o raciocínio e a reflexão crítica dos alunos. Assim, a pesquisa assume, frente à educação, um papel de suma importância: o de promover uma aprendizagem efetiva (PACHECO, 2007).

A pesquisa pode e deve estar relacionada com mais de uma disciplina, pois ela condensa-se em multiplicidade de horizontes. De acordo com Demo (2002), envolvendo diversos ângulos do conhecimento, será mais fácil para o aluno investigar, assim ele relacionará com mais facilidade os conteúdos com a pesquisa. Deste modo ele construirá seu próprio conhecimento, investigando.

Segundo Demo (1996, p. 128) “[...] a pesquisa exige diálogo crítico com a realidade, culminando na elaboração própria e na capacidade de interpretação”. Sem a pesquisa compreendida como diálogo com a realidade, não há emancipação histórica criativa.

5 FORMAR PROFESSORES ATRAVÉS DA PESQUISA

A pesquisa na formação dos professores deve ser entendida como um instrumento necessário para formar educadores que saibam refletir a sua prática constantemente.

De acordo com Pacheco (2007, p. 53),

A formação de professores [...], envolve o diálogo constante entre teoria e prática, anunciando as possibilidades de intervenção-ação reflexiva continuada, tendo em vista que a formação contínua está atrelada à conscientização do inacabamento profissional do professor e à necessidade de desvelar a sua atitude docente mediante as exigências contemporâneas de uma formação contextualizada.

“Daí a importância de preparar professores que assumam uma atitude reflexiva em relação à sua prática e às condições sociais em que ela se efetiva” (PACHECO, 2007, p. 54).

O educador que detém a prática de pesquisar além de propor atividades investigativas aos seus alunos, que ajuda na formação crítica destes, o auxilia na resolução de possíveis problemas que poderá encontrar em sua prática pedagógica.

A esse respeito, Hernandez (1998, p. 64) destaca que “o princípio da aprendizagem por descoberta por parte dos alunos é mais positivo quando emana daquilo que lhes interessa e aprendem da experiência daquilo que descobrem por si mesmos”. Nesse sentido a pesquisa é imprescindível na formação do professor crítico e reflexivo.

Segundo Martins (2001, p. 75) “o professor, além de ser o promotor das tarefas investigativas, tem que se capacitar e se preparar muito para ser o condutor e orientador de todo o trabalho do aluno”.

CONCLUSÃO

O estudo aqui desenvolvido teve a intenção de refletir sobre a pesquisa, e sua real importância na formação do professor, em seus diversos ângulos. Conclui assim, que se compreendida a pesquisa dentro do contexto escolar como um método de ensino, será para os professores um instrumento pedagógico, que auxiliará não somente ele, mas também os educandos.

Portanto a pesquisa se destina a produzir novos conhecimentos em quem a está fazendo, o que torna as pessoas participativas e as conduz a ver a sociedade de uma maneira diferente, despertando a curiosidade para saber mais.

Deste modo a pesquisa não só na escola, mas em geral, dá um sentido científico aos fatos estudados no cotidiano. Assim, a escola estaria trabalhando de uma forma prazerosa a realidade dos alunos.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e formativo. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**. Os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MARTINS, Jorge Santos. **Trabalho com projetos de pesquisa**: Do ensino fundamental ao ensino médio. Campinas, SP: Papirus, 2001.

PACHECO, Luci Mary Duso. A universidade e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na formação do professor. In.: SUDBRACK, Edite Maria; CANAN, Silvia Regina (Org.). **Políticas de formação docente**: horizontes investigativos. Frederico Westphalen: URI, 2007, p. 41-67.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 8ed. São Paulo: Papirus, 2002.

UNIVERSIDADE E ESCOLA: DIFERENTES CULTURAS QUE SE ENCONTRAM EM DIFERENTES MOMENTOS

Carla Cristina Tabolka¹
Eliane Maria Balcevicz Grotto²

A relação entre escola e universidade, vista por Lüdke e Cruz (2005), já vem sendo discutida por outros autores, fazendo-nos pensar nas tensões, contradições, limites e possibilidades desses espaços-tempos. A universidade configura-se como espaço de produção científica, a qual perpassa pelo ensino, pesquisa e extensão, formando assim um tripé acadêmico fundamental.

A universidade enquanto espaço de formação, às vezes, se torna temerosa devido ao seu *status* e à condição de poder como produtora de saber que essa instituição exerce frente à escola. Autores colocam que é importante destacar que a escola também produz saberes de fundamental importância na constituição da formação, tanto inicial como continuada dos docentes.

Como nos indica Zeichner (1998), algumas vezes o conhecimento produzido na universidade não tem sentido na escola e o conhecimento produzido na escola não é valorizado pela universidade, ou seja, universidade e escola raramente se cruzam.

Segundo Pimenta (2002),

os saberes teóricos se articulam com os saberes da prática através de uma resignificação mútua, construindo, assim o que podemos dizer de uma *práxis* epistemológica. A necessidade de uma relação dialógica entre as escolas de educação básica e as faculdades de educação nos possibilita enxergar caminhos a serem percorridos por ambos os espaços.

Ajudam-nos ainda nesta compreensão os estudos de Fourquin (1993) pela explicação que não é possível ver a cultura que permeia a universidade como algo imutável. Para o autor, a escola é um caldeirão de culturas, identificado na forma de organização do trabalho escolar e nos elementos que a constituem: hierarquia, visão de mundo, tipo de formação, concepção de ciência e espaços de poder. Diante de toda a cultura que mobiliza a escola, é necessário que a universidade possa entendê-la como um grupo social interativo, no qual acontece o fenômeno educacional em suas contradições e possibilidades.

¹ Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/Ensino Médio - CNPQ, URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS.

² Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI- Câmpus de Frederico Westphalen.

A interação entre professores em formação inicial e aqueles que atuam na educação básica tem se constituído como um espaço importante na formação de licenciados. Para Silva & Zanon (2000) “a escola não se constitui apenas como local físico que abriga a demanda escolar, mas é um espaço estruturado de produção e de socialização de conhecimento e de cotidianização de parte do pensar histórico/cultural”.

O processo de Estágio Escolar introduz o acadêmico na escola para que ele possa desenvolver através de um processo de observação, ação e reflexão suas estratégias para uma futura ação docente, tornando-se inevitável uma relação entre os sujeitos da escola e estagiários.

Medeiros (2008) entende que essa relação contribui para que haja melhores profissionais no futuro, além da troca de experiências entre os professores e estagiário para possibilitar uma forma de aprendizagem diferenciada entre os alunos, com metodologias dinâmicas favorecidas pelo trabalho multidisciplinar.

O estágio é uma fase importante na vida de qualquer acadêmico que tenha pretensão de atuar como professor após, sua formação inicial. Neste sentido, definimos estágio como atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção que são objetos da práxis educacional e que estão presentes dentro do contexto da sala de aula, da escola e do sistema de ensino da sociedade (PIMENTA, 2004, p. 22).

Segundo Ghedin, Almeida e Leite (2008) o estágio, além de proporcionar a formação profissional para a futura prática docente dos estagiários, também deve propiciar espaço para transformação do conhecimento adaptando-o ao conhecimento da cultura da escola, como condição necessária para uma atuação em espaços coletivos.

A inserção de acadêmicos na escola de educação básica é de grande valia na sua formação inicial, pois ao entrarem em contato com a realidade escolar, estão dinamizando sua formação profissionalizante, construindo uma postura docente crítica e em constante transformação. Observa-se que a monitoria tem possibilitado aos acadêmicos incentivar os professores, já em exercício, a utilizar diversas técnicas de ensino ou modalidades didáticas que são promotoras de melhoria da educação científica.

Rodrigues (2009) afirma:

Uma possível aproximação entre as escolas da educação básica e a universidade, através do estágio supervisionado na formação de professores, vistos por sua anatomia - o que são - e fisiologia - como funcionam. A prática, aqui referida, deve ser encarada como uma possibilidade de relação entre saber e fazer, ou melhor, como um entrecruzamento na relação universidade-escola. As discussões suscitadas na escola são levadas à sala de aula da universidade, momento em que são debatidas, argumentadas,

questionadas, refletidas. Nesse sentido, o estagiário volta à escola com toda essa “gama de reflexão” e de alguma forma interfere em seu cotidiano, em sua dinâmica, em circularidade.

As universidades devem ser parceiras constantes das escolas uma vez que, além de ofertarem estágio para os acadêmicos, adquirirem experiência, também se constituem em excelentes fontes de pesquisas na área educacional.

A pesquisa continua a ser importante estratégia na interação Universidade e Escola de Educação Básica. Há evidências de que os professores da Educação Básica envolvidos com pesquisas estão mais habilitados para perceber melhor os problemas cruciais que afligem esse nível de ensino.

Também, as atividades de extensão representam um espaço estratégico de atuação ao viabilizar, além da implementação da possibilidade de comunicação/divulgação dos conhecimentos produzidos a uma parcela mais ampla da sociedade. Um ouvir sensível e atento às suas demandas e problemáticas que vêm, assim, a se constituir em questões a serem investigadas e compreendidas, constituindo dinâmica renovadora e crítica das ações realizadas no âmbito da universidade.

Essas parcerias têm se pautado pelo reconhecimento da necessidade e centralidade do desenvolvimento de ações de formação inicial e continuada para a profissionalização dos professores. Mas, entendemos que essas ações não são suficientes.

É necessária e fundamental a parceria e corresponsabilidade com as instituições nas quais a formação também se realiza: as escolas, lugar de formação continuada de professores que nela atuam, e inicial, dos estagiários que ali desenvolvem atividades.

Escolas que, nessa perspectiva se configuram como espaço-tempo estratégico das ações de ensino, extensão e pesquisa da universidade na rede de formação, possibilitam diálogo entre os diferentes sujeitos envolvido, onde a produção de saberes se estabelece.

A atuação extensionista para o fortalecimento da educação básica deve se realizar numa via de mão dupla através de contribuições técnico-científicas na implementação de programas voltados para a melhoria da qualidade do ensino da região e no entorno da universidade. Este trabalho em conjunto deve permitir a aproximação dos diferentes níveis de ensino, num sistema de “retroalimentação” e fortalecimento do sistema educacional como um todo, e no aprimoramento nos cursos de formação na própria universidade.

Para Freitas, Oliveira e Carvalho (2005), a relação entre universidade e escola ocorre por meio da construção do conhecimento. Onde as escolas, potencialmente ricas, auxiliam as universidades a produzirem conhecimento sobre objetos relacionados à docência, tais objetos,

que, na maioria das vezes, estão muito distantes do universo de pesquisa do acadêmico que atua nas licenciaturas, somente podem ser constituídos dentro de uma rede de relações que é justamente produto da interação entre o universo acadêmico e escola.

Geovani (1998) defende a ideia de que universidades e escolas dos demais graus de ensino podem e devem colaborar entre si, encontrando caminhos efetivos de trabalho conjunto, com ganhos evidentes para cada um dos envolvidos nessa parceria. Essa colaboração vem se desenvolvendo no Brasil e no mundo, de muitas maneiras, há um bom tempo.

CONCLUSÃO

As universidades, particularmente nas carreiras de formação de professores, se ocuparam das grandes teorias, mas por vezes descoladas do universo das escolas da educação básica. Há um desprestígio da pedagogia, como uma teorização da prática. A universidade conhece muito pouco do que se passa no dia a dia das escolas, como os professores ensinam, com que meios e em que condições.

A parceria, entre universidade e escola básica, tem se mostrado importante para o aprimoramento da Educação Científica. Essa interação ocorre ora através de práticas de ensino, estágio supervisionado, ora por meio da pesquisa e/ ou extensão.

A inserção de acadêmicos na escola de educação básica é de grande valia, considerando que lhes possibilita entrar em contato com a realidade escolar, dinamizando sua formação profissionalizante inicial, construindo uma postura docente crítica em constante transformação; para os professores já em exercício, oportuniza a formação continuada, pois ao interagir com o mundo acadêmico, aperfeiçoam sua atuação no ensino; e para a escola e a sociedade, representa uma alternativa de melhoria da educação que poderá garantir a formação de cidadãos com uma educação científica adequada aos desafios atuais.

A aproximação da universidade à escola, contudo, não poderá se resumir apenas na inserção dos acadêmicos nesse ambiente propício para a melhoria da formação de professores. É importante a aproximação entre escola e universidade, porque é nessa instância que se produz o conhecimento científico em relação à prática pedagógica. É também, a partir da universidade, que se irradia o conhecimento construído nas mais diversas áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

FOURQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREITAS, Zulind Lusmarina; OLIVEIRA, Ernandes Rocha de; CARVALHO, Lizete Maria Orquiza de. **A relação universidade e escola pública: a escola como um espaço potencial de contribuição na formação do acadêmico.** 2005. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

GEOVANI, Maria Luciana. **Do professor informante ao professor parceiro:** reflexões sobre o papel da universidade para o desenvolvimento profissional de professores e as mudanças na escola. Cad. CEDES, v. 19, n. 44 Campinas, abr. 1998.

GHEDIN, Evandro; ALMEIDA, Maria isabel de; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **Formação de professores:** caminhos e descaminhos da prática. Brasília: Liber livro editora, 2008.

LÜDKE, Menga & CRUZ, G. B. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 81-109, maio/ago. 2005.

MEDEIROS, Denise Rosa. **Práticas pedagógicas no contexto escolar:** os desafios e construções do trabalho docente. 2008. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/>>. Acesso em: 26 mar. 2010.

RODRIGUES, P. **Anatomia e fisiologia de um estágio.** Rio de Janeiro, 139p. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, PUC-Rio, 2009.

SILVA, L. H. A e ZANON, L. B. A experimentação no ensino de ciências. In: SCHNETZLER, R. P.; ARAGÃO, R. M. R. (Orgs). **Ensino de Ciências:** fundamentos e abordagens. Piracicaba: Unimep, p. 120- 153, 2000.

SILVA, Mauricio Roberto da; PIRES, Geovani De Lorenzi. Produzindo conhecimento na relação universidade-escola. **Motrivivência**, v. 16, n. 23, p. 9-14, dez. 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, M. L. Lima. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção docência e formação série saberes pedagógicos).

ZEICHNER, K. M. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. In: GERALD I, C. M. G; FIORENTINI, D; PEREIRA, Elizabete (Org.). **Cartografias do trabalho docente - professor(a)-pesquisador(a).** 1. ed. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, p. 207-236, 1998.

ÉTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Fernanda Cristina Piovesan de Souza¹
Rosane de Fátima Ferrari²

INTRODUÇÃO

A ética desde, suas origens, busca estudar e fornecer princípios orientadores para o agir humano. Discutir ética e moral, em qualquer área da ação humana hoje, apresenta-se muito complexa, pois a ética se ocupa do que é correto ou incorreto. A ética não pode prescrever conteúdos ao agir humano, precisa contar com a capacidade dos indivíduos de pensarem em suas atitudes (CENCI, 2001).

Daí a importância de abordar a ética na formação docente do professor, como um desafio, em que se espera do educador a utilização de estratégias, métodos e recursos que promovam a formação ética dos alunos, fornecendo princípios orientadores para o agir humano.

1 CONCEITUANDO ÉTICA

A ética é o estudo das ações ou dos costumes, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento. Os valores éticos podem se transformar, assim como a sociedade se transforma (VALLS, 2006).

Falar de ética significa falar de liberdade. Num primeiro momento, a ética nos lembra as normas e responsabilidade. Mais liberdade para pensar, sem poder agir de acordo com os pensamentos, isto é liberdade humana. Então o saber prático pode se referir ao agir humano, tem uma natureza distinta do saber teórico.

A ética, desde suas origens, busca estudar e fornecer princípios orientadores para o agir humano. Ela nasce amparada no ideal grego de justa medida, do equilíbrio nas nações. A justa medida é a busca do agenciamento do agir humano.

O agir vem da práxis; o saber sobre a ação é denominado de prático, que é o caso do saber e da política. Aristóteles tomou de empréstimo da aritmética a ideia do meio-termo. Há o meio-termo da aritmética e o meio-termo para nós. O primeiro tem a pretensão de ser exato,

¹ Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/Ensino Médio - CNPQ, URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS.

² Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI- Câmpus de Frederico Westphalen.

visa indicar a distância precisa entre dois extremos. O segundo não é o ajuste entre a falta, é a deficiência moral (CENCI, 2001).

Sócrates tem como base de sua concepção do agir humano o seguinte lema “conhece-te a ti mesmo” isto é, o examinar-se inteiramente e conhecer a própria alma. A essência do homem está na sua alma, e é a virtude quem a expressa (CENCI, 2001).

A concepção aristotélica da ética aborda as virtudes morais do agir. A virtude não é algo inato ou algo que se conquiste definitivamente. O homem possui apenas a potencialidade para o agir virtuoso. Então a virtude moral é produto do hábito (CENCI, 2001). Aristóteles define a ética como a filosofia das coisas humanas. A ética ocupa-se fundamentalmente do agir humano.

A ética comporta uma forma de saber que visa a orientar racionalmente o agir humano. O agir ético implica na capacidade de o indivíduo responder por seus atos, sejam eles bons ou ruins.

Discutir ética e moral, em qualquer área da ação humana hoje, apresenta-se como um desafio. E a formação do professor, um desafio com proporções ampliadas. Isto se deve à própria complexidade do processo de formação do professor, que exige muito mais do que somente uma abordagem técnico-intelectual e instrumental (CAETANO, SILVA, 2009).

1.1 Ética e formação de professores

Na formação docente é oportuno considerar a articulação entre a técnica, o conhecimento e análise crítica, com isso são formados professores que se tornam formadores de pessoas autônomas, capazes de selecionar, identificar e analisar informações, em interação social, assim construindo um juízo crítico (VALLS, 2006).

A justiça é como uma virtude suprema, então como os alunos devem respeitar os professores, cabe aos professores ter respeito pelos alunos, estar com conteúdos bem elaborados e ter vontade de ministrá-los. Na concepção da ética, as virtudes morais e o agir do professor deve ser coerente nas suas decisões.

Os professores podem assumir um papel decisivo na formação da opinião pública na escola. A política e o direito devem estar a serviço dos interesses públicos, e não ao contrário. A escola pode desmistificar, desvelar e esclarecer as coações e as manipulações ideológicas da ordem. É preciso formar educadores e educandos, seguindo os parâmetros de uma moral pós-convencional, isto é, baseado em princípios.

O professor deve agir na observância de um conjunto de princípios de natureza moral e, também, porque o que se espera do professor é que ele recorra a uma estratégia, desenvolva um método e se disponha de recursos para promover a formação ética dos alunos. A educação é considerada um consumo ou mesmo um investimento da pessoa a serviço do seu futuro. (PERRENOUD, 2001).

É de suma importância o papel do professor na sociedade moderna. Na formação é oportuno considerar a articulação entre a técnica, o conhecimento e análise crítica, com isso são formados professores que sejam formadores de pessoas autônomas, capazes de selecionar, identificar e analisar informações, em interação social, assim construindo um juízo crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da origem da ética podemos concluir que os professores devem estar sempre atualizados com os conteúdos, buscando conhecimentos novos. O conhecer-se a si mesmo e a virtude. A essência do professor está em sua alma e é a virtude quem a expressa, então o professor deve ter objetivos com os alunos.

O professor precisa agir na observância de um conjunto de princípios de natureza moral e também porque o que se espera do professor é que ele recorra a uma estratégia, desenvolva um método e disponha de recursos para promover a formação ética dos alunos.

Atualmente, ao refletir sobre a formação de professores, torna-se possível ultrapassar a polarização dicotômica entre, por exemplo, teoria e prática, formação pessoal e formação profissional.

As ações são frutos de escolhas, são feitas a partir de determinados valores. Portanto, ideologizar a ética é reduzir o leque de possibilidades que se fazem presentes nas escolas.

A ética não pode prescrever conteúdos ao agir, a ética precisa contar com a capacidade dos indivíduos. E é a autonomia que possibilita um aspecto à capacidade de cada um.

REFERÊNCIAS

CAETANO, Ana Paula e Silva, Maria de Lurdes. Ética profissional e formação de professores. Disponível em: <[HTTP://sisifo.Fpce.Ul.pt/pdfs/58-ptg_CaetanoeSilva\(4\).Pdf](http://sisifo.Fpce.Ul.pt/pdfs/58-ptg_CaetanoeSilva(4).Pdf)>. Acesso em: 16 nov. 2011.

CENCI, Ângelo Vitório. **O que é ética?** Elementos em torno de um ética geral. 2. ed. Passo Fundo: A.V.Cenci, 2001.

Perrenoud, Philippe. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

REVISTA FILOSOFIA UNISINOS, v. 10, n. 1, jan./abr. 2009.

VALLS, Álvaro L.M. **O que é ética**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

AS COMPETÊNCIAS PARA FORMAÇÃO DE EDUCADORES

Géssica Martins Wodzik¹
Maria Cristina Gubiani Aita²

INTRODUÇÃO

A pedagogia das competências é um termo que ganhou força na década de 90, no contexto da crise estrutural do sistema, em decorrência de formação de um “novo” trabalhador que precisava adequar-se às exigências da produção, substituindo por esse motivo, o termo qualificação.

A competência docente, ou seja, o professor competente tem uma grande responsabilidade em suas mãos. Um professor competente tem a capacidade de resolver uma situação complexa e é preciso ter um conhecimento específico dentro de sua área de formação.

A competência, hoje em dia, é o domínio dos conteúdos com suficiente fluência e distância para construí-los em situações abertas e tarefas, partindo dos interesses dos alunos, explorando os acontecimentos, trabalhar a partir dos erros e dos obstáculos à aprendizagem. Saberes são conhecimentos teóricos e práticos requeridos para o exercício profissional. “Já as competências são qualidades, capacidades, habilidades e atitudes relacionadas a esses conhecimentos teóricos e práticas que permitem a um profissional exercer adequadamente sua profissão” (LIBÂNEO, 2004, p. 82).

As competências docentes compreendem conhecimento, habilidades, atitudes e pensamento estratégico e servem para designar uma multiplicidade de objetos e conceitos.

2 COMPETÊNCIA E FORMAÇÃO DOCENTE

Segundo Ramos (2001), as competências não podem ser reduzidas a simples habilidades a serem treinadas, nem tornadas instrumentos de competição entre as pessoas. Competência refere-se à capacidade de mobilizar múltiplos recursos como conhecimentos teóricos e experiências da vida profissional e pessoal para responder às diferentes demandas

¹ Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/Ensino Médio - CNPQ, URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS.

² Mestre em Educação – UNISINOS - Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI-Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS.

das situações de trabalho. A noção de competência, muito além de ser apropriada criticamente pela sociedade brasileira, levando-a a condição de senso comum, deve apresentar-se como objeto de análise crítica pelos educadores, trabalhadores e todos os demais intelectuais orgânicos.

Libâneo (2004) apresenta algumas considerações mais específicas sobre as competências profissionais de professores: Palavra de origem latina *competência* tem dois sentidos: a) faculdade atribuída a alguém para apreciar e julgar um pedido, uma questão. b) conhecimento, capacidade ou habilidade da pessoa em resolver problemas, realizar uma atividade. Por exemplo, um aluno desenvolve competência linguística ou competência comunicativa, um professor sabe como dar uma boa aula. (...) entenderemos competência como uso de conhecimentos e capacidades para fazer um trabalho, lidar com uma situação ou resolver problemas. Um mecânico de automóveis, um engenheiro, um médico precisam ter e desenvolver competências para realizar seu trabalho. Para isso, precisam dispor de certos conhecimentos, de certas capacidades físicas e mentais (raciocínio, análise e síntese, expressão verbal, atenção, psicomotricidade, etc.) e das habilidades correspondentes de modo que, frente a uma situação do cotidiano ou da profissão, coloquem todas essas ‘disposições internas’ em ação para resolvê-las com êxito. A competência está ligada, portanto, a um modo adequado e correto de pôr em ação e conhecimentos, capacidades, habilidades, instrumentos.

Assim, um professor será mais competente quanto mais souber imaginar, refletir, articular as condições que possibilitem aos alunos aprender melhor e de forma mais duradoura.

Desenvolver competências profissionais de professor significa ir além dos limites da definição de professor como profissional preparado para ensinar. Faz parte das competências de professor saber ensinar, saber participar ativamente numa equipe. Para ensinar, não basta conhecer a matéria, é preciso entre outras competências, transformar o saber disciplinar em conteúdos acessíveis aos alunos, E as competências profissionais, se o professor tem saberes ou conhecimentos profissionais, também deve possuir competências como capacidade para aplicá-las de maneira efetiva em um contexto específico (LIBÂNEO, 2004).

Fazer com que os alunos se interessem pela aprendizagem e se envolvam em seu trabalho escolar é a tarefa do professor e da escola também, à medida que pode elaborar seus programas de forma mais atrativa para os alunos.

É necessário que um professor não só esteja ali para ensinar, mas, para fazer aprender; não só para transmitir conhecimentos, mas para construir competência e uma identidade, cidadãos mais críticos.

O professor para ser competente, também não é só saber dominar o conteúdo, mas sim ir além. O professor para ser um profissional tem que saber lidar com suas emoções e resolver situações problemas. Isso tudo que o torna competente.

O professor competente é um profissional. A profissionalização está ligada às condições ideais que venham a garantir o exercício profissional de qualidade. Dando início com a formação inicial e a formação continuada, assim desenvolvendo as competências (LIBÂNEO, 2004). Para o autor, o profissionalismo está ligado ao desempenho competente dos deveres, responsabilidades e comportamentos que fazem parte do ser professor, sendo que a formação continuada é condição indispensável para a profissionalização.

Competência se ajusta à necessidade do capital de diminuir o trabalho vivo no processo de produção para aumentar a produtividade com menores custos, ganhando visibilidade no contexto de elevados índices de desemprego. Competência pressupõe a integração entre formação e trabalho, valoriza as aptidões pessoais, o saber-fazer geral (saber-dialogar, saber-negociar, saber-utilizar as diferentes tecnologias).

Segundo Perrenoud (2002) a competência é, então, ‘a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações), para uma série de situações’.

Competências é uma mistura de saber e de comportamento. Segundo Hirata (1994) competência remete a um sujeito e a uma subjetividade e nos leva a interrogar sobre as condições subjetivas da produção’.

Rios (2002, p. 168-169) defende quatro dimensões:

Competência na formação de professores: técnica, política, ética e estética. Competência técnica: refere-se a capacidade de que o professor deve ter de lidar com os conteúdos- conceitos comportamentos, atitudes e habilidades de construí-los com os alunos. Quanto a política: envolve a participação coletiva da sociedade no exercício dos direitos e deveres. Já a competência ética: é a orientação da ação fundada no princípio do respeito e da solidariedade na direção da realização de um bem coletivo. E a estética: trata da presença da sensibilidade e da orientação numa perspectiva criadora. A soma dessas competências constitui-se segundo a referida autora como um conjunto de saberes de boa qualidade.

Para a referida autora quando se fala de competência “não se trata de uma sensibilidade ou de uma criatividade, mas de um movimento em direção à beleza, aqui entendida como algo que se aproxima do que se necessita concretamente para o bem social e coletivo” (2002, p. 168).

Nessa perspectiva para haver uma mudança na educação deve acontecer também uma mudança na postura e no papel do professor, que só pode ser possível se a escola diminuir o

peso dos conteúdos para que o professor trabalhe os saberes fundamentais para a autonomia das pessoas. Quanto ao papel da sociedade nessa perspectiva é necessário que haja uma definição acerca das competências que devem ser desenvolvidas no âmbito escolar, ou seja, que o desenvolvimento das competências do educando corresponda a uma demanda do processo produtivo. O professor deve adequar a sua prática pedagógica para o desenvolvimento dessas competências e trabalhar com resoluções de problemas e elaboração de projetos.

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira, as quatro, à tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. “A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1991, p. 58). Temos a convicção de que, para se mudar a educação, o professor tem um papel absolutamente fundamental, isto é, qualquer que seja a alteração a ser feita, passa necessariamente por ele. Por isto o docente tem de ser cuidado, resgatado em seu valor e dignidade. Este resgate implica os aspectos básicos como salário, condições de trabalho, valorização social.

A questão da competência docente é abordada como mediação importante no processo de ensino e aprendizagem, evidenciando o descompasso entre a formação do profissional e as exigências do mundo moderno.

Entender o que é competência não significa somente incorporá-la como discurso, mas procurar entender com clareza os mecanismos contraditórios que se escondem nas suas entrelinhas. É importante o desenvolvimento de competências dentro do trabalho de formação docente, pois contribuirão com os educadores em seu processo de formação e na sua capacidade de desenvolver sua prática (CANAN, SELBACH, 2010).

“Não basta a um profissional ter conhecimento sobre seu trabalho. É fundamental que saiba mobilizar esses conhecimentos, transformando-os em ação” (BRASIL, 2001, p. 29), assim o educador tem que se manter articulador de diversas situações inesperadas e saber como revertê-las a seu favor.

Perrenoud (1999, p. 7) sustenta que a concepção de que competência “é uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles”.

Não há competências sem saberes, a noção de competências remete à prática do cotidiano, que articula apenas saberes do senso comum, saberes da experiência. Referem-se ao domínio prático de um tipo de tarefas e de situações.

Se uma competência mobiliza saberes quando descreve e organiza a diversidade das competências, uma distinção entre habilidades e competências se dá quando se apresenta condolência, reler um texto ou organizar uma festa são habilidades ou competências? Só teria sentido se isso remetesse a funcionamentos mentais muito diferentes.

A formação dos docentes, num enfoque profissional, deve ter como eixos de referência: o desenvolvimento pessoal, o desenvolvimento profissional e o desenvolvimento organizacional.

Somente assim a prática docente terá significado apropriado nas competências, envolvendo uma prática reflexiva e esclarecedora para que tenha resultados positivos, pois, para ensinar é preciso, entre outras competências, transformar o conhecimento das disciplinas em conteúdos significativos para os alunos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assimilar a competência não significa somente introduzir como discurso, mas procurar entender as partes que não possuem com clareza os mecanismos divergentes que escondem seu significado abrangente. É essencial, ao elaborar as competências, dentro da formação do professor enquanto ele estiver se qualificando, desta forma ajudarão os educadores em seu processo de capacitação e na sua idoneidade de desenvolver sua prática profissional. As competências profissionais proporcionam a quem as possui segurança para o exercício docente.

REFERÊNCIAS

CANAN, Silvia Regina. **Diretrizes nacionais para a formação de professores na Educação Básica**: tensões e limites entre o específico e o pedagógico na formação docente. 2009. Tese (doutorado) UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

HIRATA, Helena. Da polarização das qualificações ao modelo da competência. In: FERRETTI, Celso João et al. (Org.). **Tecnologias, trabalho e educação**: um debate multidisciplinar. Petropolis: Vozes, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**; teoria e prática 5. ed. revista ampliada – Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

PERRENOUD, Philippe, PAQUAY, Léopold, ALTET, M., CHARLIER, Évelyne (Org.) **Formando Professores Profissionais**. Quais estratégias? Quais competências? Proto Alegre: Artmed Editora, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ROSA, Dalva Gonçalves; SOUZA, Vanildo Camilo (Org). Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos. In: RIOS, Terezinha A. **Competências ou Competências o novo e o original na formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Anderson Sabino da Silva¹
Eracilda de Assumpção²

1 AVALIAÇÃO: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

A avaliação do processo educacional é um elemento que tem considerável importância no contexto da escola e da sociedade. É importante, ressaltar que a LDB nº 9394/96 aponta a avaliação como um processo contínuo, sistemático e cumulativo. Na escola, a avaliação deve ser usada num primeiro momento com a finalidade de diagnóstico para conhecer os aspectos que devem ser trabalhados com os alunos.

Como diz Marques (apud SANT'ANNA, 1995, p. 29) “É um processo contínuo, sistemático, compreensivo, comparação, cumulativo, informativo e global, que permite avaliar o conhecimento do aluno”.

Vale salientar também que o projeto político-pedagógico da escola deve ser elaborado coletivamente, e expor a visão acerca da missão da unidade escolar, direcionando os critérios através dos quais as práticas docentes que estão sendo desenvolvidas serão avaliadas, que concepção os professores têm sobre o processo avaliativo.

No contexto social, a avaliação é um procedimento que inclui opções, escolhas, ideologias, crenças, percepções, posições políticas e representações, que informam os critérios através dos quais será julgada uma realidade. É importante salientar também que a avaliação não é algo meramente técnico. Envolve autoestima, respeito à vivência e cultura própria do indivíduo, filosofia de vida, sentimentos e posicionamento político.

Segundo Hoffmann (2000), as notas e as provas são como redes de segurança que é o controle exercido pelo professor sobre o aluno. O professor vê as provas como uma ação de segurança para verificar se o aluno aprendeu o conteúdo ou não. É importante salientarmos que a avaliação está intimamente ligada ao processo de aprendizagem.

O professor deve fazer um diagnóstico do aluno procurando determinar a presença ou ausência de habilidades e conhecimentos, que permitiriam identificar as causas das

¹ Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/Ensino Médio - CNPQ, URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS.

² Mestre em Educação pela Universidade Do Vale dos Sinos – UNISINOS- RS. Professora Titular da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- FW.

dificuldades de aprendizagem. O diagnóstico oferece uma projeção dando-lhe elementos para verificar o que aprendeu e como aprendeu.

Hoje poderíamos conhecer um grupo de alunos como “iguais” em sua maneira de compreender o mundo, mas não em suas características físicas e pessoais, poder econômico, autoestima. Uns vivem na rua mais livres e outros vivem protegidos pelos pais, trancados dentro de casa, mas rodeados de brinquedos e livros.

O professor deve conhecer a realidade dos alunos, o meio em que vivem para assim propor relações mais complexas para melhor inseri-los sem atingir o psicológico, físico e mental do aluno.

Neste sentido, Hoffmann ressalta que,

O aluno constrói o seu conhecimento na interação com o meio em que vive. Portanto, depende das condições desse meio da vivência de objetos e situações, para ultrapassar determinados estágios de desenvolvimento e ser capaz de estabelecer relações mais complexas e abstratas. (2000, p. 52).

Portanto, a prática da avaliação nas pedagogias preocupadas com a transformação deverá estar atenta aos modos de superação do autoritarismo e ao estabelecimento da autonomia do educando, pois o novo modelo social exige a participação democrática de todos. A avaliação constrói-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação do crescimento para a autonomia do crescimento para o desenvolvimento de competências e habilidades que permitam ao aluno inserir-se na sociedade contemporânea

A partir das mudanças de função, a avaliação desempenha, nas mãos do professor, um papel disciplinar. Como uso do poder, via avaliação classificatória, o professor acaba reproduzindo o sistema. É importante salientarmos que a LDB 9394/96 define a avaliação como um processo contínuo, sistemático e cumulativo.

Com base na LDB, vale ressaltar que: “a objetividade e subjetividade geralmente se refere à forma de elaboração das questões de um teste. No entanto são pela correção juntamente que elas se caracterizam objetivas ou subjetivas (HOFFMANN, 2000, p. 63)”.

Numa concepção mediadora de avaliação e subjetividade é importante enfatizar que a elaboração e correção de tarefas avaliativas não são um problema, mas um elemento a trabalhar positivamente. Uma vez que o erro é sempre o ponto de partida para que o professor e o aluno retomem o conteúdo trabalhado antes de partir para novas concepções conceituais. “Muitos professores entendem o princípio de valorizar as respostas “erradas” dos alunos,

considerando-as ponto de partida para a continuidade da ação educativa” (HOFFMANN 2000, p. 87).

Através de jogos, debates, textos e tantos outros recursos pedagógicos, os estudantes refletem sobre os seus argumentos iniciais, enriquecem suas ideias, buscam contra argumentos, têm a oportunidade de fazer descobertas próprias, formular conceitos, encaminhando-se, assim, efetivamente, a aprendizagem. Na teoria construtivista é essencial a interação entre iguais para o desenvolvimento do conhecimento lógico-matemático, por exemplo.

A avaliação mediadora exige a observação individual de cada aluno, dando tarefas orais e escritas, refletindo sobre o significado do que se vem fazendo e a partir daí para a construção de uma prática que se adquire a cada realidade, ao contrário da escola tradicional que enaltece os procedimentos competitivos e classificatórios com base no certo/ errado.

Difícilmente o professor chama a atenção do aluno para uma resposta interessante e diferente que tenha apresentado na tarefa, ou faz elogios com a mesma intensidade e frequência das recriminações. O autoritarismo inerente à ação do educador não é aparente. Muitos professores discriminam os alunos a cada erro que eles cometem e apontam que estão trabalhando em benefício dos alunos, e também são discriminados os alunos que têm menos saberes e os que têm mais saberes são privilegiados.

Na rede escolar existem muitos professores que fazem provas mais difíceis porque os alunos incomodam, como uma forma de vingança. E têm professores que prometem tirar ou dar notas aos alunos por coisas banais. Existem também alguns professores que não trabalham o conhecimento necessário, para que o aluno tenha sucesso no avanço de seus estudos, como por exemplo, o ingresso na Universidade.

O educador de hoje deve repensar acerca dos seus conhecimentos, e deve raciocinar profundamente sobre seus critérios avaliativos para se comprometer com o sucesso e não com o fracasso do aluno.

CONCLUSÃO

O professor deve ser um agente que produz e renova o seu trabalho com o aluno, de maneira que desenvolva integralmente suas capacidades, acreditando que sempre o aluno fará um esforço criando e usando sua criatividade. Para exercer a tão falada criatividade e outras habilidades que o aluno exerce dentro da escola, é preciso conhecer a clientela de alunos para utilizar técnicas de acordo com a realidade dos alunos.

O educador, ao avaliar, deve ter presente o desenvolvimento integral e geral do aluno o que se faz necessário para que ele se volte para si próprio, conhecendo-se, aceitando-se e baseado-se neste contexto ele deve conhecer a realidade do aluno. Devido a isso, a avaliação será bem sucedida e na medida em que aliada a esses pressupostos, o professor elimine seus preconceitos em relação à avaliação.

A avaliação só terá eficiência e eficácia se ocorrer de forma interrogativa entre o aluno e o professor, se ambos caminharem juntos na mesma direção, em busca do mesmo objetivo, conseguirão chegar ao topo do sucesso.

Hoje se tem a necessidade de uma ação cooperativa participativa e com isso buscar uma ação coletiva consensual, uma consciência crítica e responsável de todos que fazem a educação para que a mesma seja exercida com todo êxito e clareza.

Pensa-se que um educador, que se preocupa com a sua prática educacional, esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconsciente e irrefletidamente, porque a avaliação é um processo onde o professor deve conhecer e identificar as modificações do comportamento e o rendimento do aluno.

REFERÊNCIAS

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**. Uma Prática da Construção da Pré-escola a Universidade. 17. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MEDEL, Cássia Revena Mulin de Assis. **A avaliação da aprendizagem nos dias de hoje**. Disponível em: <www.solar.aid.org.mel>. Acesso em: 18 nov. 2010.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?** 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Enedina Martins da Silva¹
Rosane de Fatima Ferrari²

INTRODUÇÃO

Este estudo é resultado de uma pesquisa em torno da temática: dificuldades de aprendizagem, que tem como objetivo, analisar os fatores que proporcionam o sucesso/fracasso escolar dos alunos, bem como conceituar dificuldades de aprendizagem na abordagem psicopedagógica. Simultaneamente, aborda as possíveis causas dessas dificuldades, começando pelas próprias condições físicas e psicológicas da criança, passando pelas condições da escola e dos profissionais que nela atuam e culminando com as condições socioambientais.

A escola atualmente desempenha funções que vão além da transmissão do conhecimento, isto porque a sociedade exige cada vez mais que os indivíduos aprendam os conhecimentos necessários para transformar sua vida e da sociedade. Neste sentido, os conteúdos escolares não podem continuar sendo transmitidos como algo morto, estático, que favorecem a aceitação passiva, mas que sejam vistos como vivos, dinâmicos e, mais do que isso, sejam redescobertos e reconstruídos pelos alunos que, assim, sentir-se-ão sujeitos da própria educação e estarão aprendendo a redescobrir a realidade do mundo em que vivem. Para tal a escola precisa contar com a ajuda da família, pois é na família que ocorrem as primeiras aprendizagens e experiências emocionais que são levadas para a vida, mostrando-se verdadeiramente marcantes. É ela que oferece os ingredientes principais e a base para formação da criança. Destaca-se que as razões do fracasso escolar são diversas e que a comunidade escolar, não tem como solucioná-las sozinha, é necessário que haja uma articulação-interação comunidade-escola para alcançar uma educação de qualidade para todos.

¹ Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/Ensino Médio - CNPQ, URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS.

² Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI- Câmpus de Frederico Westphalen. Orientadora de Projetos de Pesquisa.

1 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Dificuldades de aprendizagem é um termo genérico que diz respeito a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por problemas significativos na aquisição e uso das capacidades de escuta, fala leitura, escrita, raciocínio ou matemáticas. Estas desordens, presumivelmente devidas a uma disfunção do sistema nervoso central, são intrínsecas ao indivíduo e podem ocorrer durante toda a sua vida. Problemas nos comportamentos autor reguladores, na percepção social e nas interações sociais podem coexistir com as DA, mas não constituem por si só uma dificuldade de aprendizagem. Embora as dificuldades de aprendizagem possam ocorrer concomitantemente com outras condições de incapacidade (por exemplo, privação sensorial, deficiência mental, perturbação emocional grave) ou com influências extrínsecas (tal como diferenças culturais, ensino inadequado ou insuficiente), elas não são devidas a tais condições ou influências. (SMITH et al. apud CORREIA; MARTINS, 2011).

As dificuldades de aprendizagem devem ser consideradas, quando uma criança tem dificuldades em um ou mais de um destes aspectos: pensar claramente, soletrar com exatidão, aprender a calcular, recordar fatos, colocar coisas em sequência, escrever legivelmente, aprender a ler, copiar as formas, seguir instruções ou se ainda ela fica confusa, e seja agitada, impulsiva, imperativa, ou desorientada tornando-se frustrada e rebelde, deprimida, retraída ou agressiva.

A identificação das dificuldades de aprendizagem deve ser feita o mais precocemente possível, contribuindo para este fato uma observação cuidadosa dos comportamentos da criança. Assim, os profissionais (especialmente os educadores e professores) e os pais devem estar atentos a um conjunto de sinais, que a criança exiba, contínua e frequentemente, uma vez que não existem indicadores isolados para a identificação das dificuldades de aprendizagem.

Uma dificuldade de aprendizagem é um transtorno permanente que afeta a maneira pela qual os indivíduos com inteligência normal ou acima da media selecionam ou retém informações. As informações que entram ou saem podem ficar desordenadas conforme viajam entre os sentidos e o cérebro. (DUNN; DUNN, 1997).

1.1 Causas das dificuldades de aprendizagem

As dificuldades de aprendizagem podem ter varias causas, como nos aponta Paim (1985)

1- Fatores orgânicos: Em primeiro lugar e interessante atender a saúde dos analisados; a investigação neurológica é necessária para conhecer a adequação do instrumento às demandas

de aprendizagem. O sistema nervoso sadio se caracteriza em nível de comportamento pelo seu ritmo, sua praticidade e seu equilíbrio.

E necessário estabelecer se o sujeito se alimenta corretamente em quantidade e qualidade, pois o déficit alimentar crônico produz uma distrofia generalizada que abrange sensivelmente a capacidade de aprender.

2- Fatores específicos: Existem certos tipos de transtornos na área da adequação perceptiva motora que, embora se possa suspeitar de sua origem orgânica, não oferecem qualquer especialidade no nível de aprendizagem da linguagem e se manifestam numa série de perturbações tais como alternância da sequência percebida, a impossibilidade de construir imagens claras de fonemas, sílabas e palavras, inaptidão gráfica etc.

3- Fatores psicógenos: “Freud assinala que o termo inibição pode atribuir-se à diminuição da função enquanto seria mais a transformação de tal função”. Importante diferenciar duas possibilidades para o fato de não aprender: na primeira supõe a previa repressão de um acontecimento que de alguma maneira significa; a segunda se trata da retratação intelectual do ego. Tal retratação acontece em três oportunidades; a primeira é quando há sexualidade dos órgãos comprometidos na ação, por exemplo, e na habilidade manual associada à masturbação; na segunda há evitação do êxodo ou compunção ao fracasso diante ao êxodo como castigo à inibição do ser; e a terceira quando o ego em uma tarefa que compromete o bem estar.

4- Fatores ambientais: Aqui nos referimos por um lado ao meio ambiente material do sujeito, as possibilidades reais que esse meio lhe oferece, a quantidade, a qualidade, frequência e abundância dos estímulos que constituem seu campo de aprendizagem habitual.

Estes fatores podem desencadear nos alunos, segundo Bossa (2000):

- Não se adaptam ao meio ambiente escolar;
- Começam a tirar notas baixas, e desanimam;
- Não são compreendidos pelos professores;
- Não entendem a matéria e se distraem facilmente;
- Podem não estar acostumados a se relacionar com outras pessoas, isso dificulta relações no ambiente escolar;
- Até podem então se relacionar bem com as outras pessoas, mas só estão acostumadas a fazer o que querem;
- Estas mesmas pessoas, de repente, começam a pedir que elas façam coisas que não sabem fazer e também não entendem;
- Se decepcionam ao ver a professora;

- Sentem-se muito cobrados pelos pais;
- São pouco apoiados pelos pais;
- A criança pode ter dificuldades para se concentrar e para manter a concentração;
- Acreditar que ir para a escola não é importante, por que não conseguem entender a importância da mesma;
- Uma criança pode ir mal na escola, pois não sabe lidar com regras e leis da vida;
- A criança pode ter problemas em casa, isso conseqüentemente atrapalhará na escola;
- Pode até ter um problema de saúde que atrapalhe sua aprendizagem escolar;
- Ser uma criança desorganizada;
- Esquecer-se de fazer tarefas, perder o material escolar, atrasa-se para ir à escola e sua vida vira uma bagunça;
- A criança pode ser muito inteligente e aprender muita coisa, mas na hora de realizar atividades específicas como a leitura a escrita, por exemplo, o cérebro falha e ela não consegue realizar;
- Talvez ela não aprenda, pois o professor não sabe ensinar, e não gosta da sua profissão e por isso não é um bom profissional;
- Ela pode não aprender porque seu professor é confuso, e não consegue desempenhar seu próprio papel;
- A criança pode não aprender porque precisa de ajuda especial e seu professor e sua família não sabem disso;

1.2 Principais dificuldades de aprendizagem

Muitas são as dificuldades encontradas no espaço escolar, como nos aponta Bossa (2000):

- A hiperatividade caracteriza-se pelo constante mexer-se na cadeira, balançar as mãos e pés constantemente, abandonar a cadeira quando se esperava que permanecesse sentado, correr, escalar em demasia ou em situações onde isso seria inapropriado,

- Dislexia: leitura titubeante, claudicante; troca de grafemas (letras) semelhantes: p q b d; acréscimos, inversões, omissões e repetições de grafemas; falta de ritmo, lentidão, falta de pontuação, repetição ou salto de linha, etc.

- Disgrafia: traçado de rabiscos perseverativos, escrita lenta das letras que em geral é ação ilegível.

- Discalculia: dificuldades em resolver cálculos e raciocínio lógico lento.

1.3 A influência da prática pedagógica na produção do sucesso escolar

Deve-se aprender que não existe cura rápida para a criança com dificuldades de aprendizagem, o melhor a fazer é manejar nas expectativas e deixá-las mais realistas. Uma situação muito importante é a utilização de jogos para as crianças, jogos de quebra-cabeça, labirintos são ótimos exemplos de jogos que auxiliam no tratamento da criança com dificuldade.

Para evidenciar a importância das interações aluno/conhecimento e professor/aluno/conhecimento na construção do sucesso/fracasso escolar, é preciso repensar muito sobre a escola e suas práticas pedagógicas. É preciso pensar a educação como trabalho de humanização e realização pessoal, tanto para os alunos como para os educadores. E no decorrer das transformações ocorridas na sociedade, muitas vezes, a escola não consegue acompanhá-las, as atividades escolares continuam semelhantes ao que se pratica desde tempos remotos.

Quando os tratamentos normalmente empregados são ineficazes para solucionar as dificuldades de aprendizado, pais e professores devem reconhecer quais funções mentais estão causando as dificuldades de aprendizado da criança. Como ajudar a criança a superar todas as suas dificuldades de aprendizado, desenvolvendo estratégias eficazes e fáceis de implementar. Muitas estratégias eficazes empregadas em casa e na escola ajudam na superação das dificuldades escolares.

CONCLUSÃO

Deve-se compreender que não existe cura rápida para a criança com dificuldades de aprendizagem, o melhor a fazer é manejar nas expectativas e deixá-las mais realistas, observando as potencialidades dos alunos.

A importância da participação da família no processo de aprendizagem é inegável e a necessidade de se esclarecer e instrumentalizar os pais quanto as suas possibilidades em ajudar seus filhos com dificuldades de aprendizagem é evidenciada ao manifestarem suas dúvidas, inseguranças e falta de conhecimento em como fazê-lo.

O apoio dos pais é muito importante, eles aceitando, compreendendo, e tratando esse problema com a devida importância, atenção, e carinho será mais fácil para as crianças

aceitarem-se, e enfrentar seus medos e saberão que não estão sozinhas e que seus pais estarão sempre a seu lado, cuidando-as, e protegendo-as contra seus maiores medos.

Para evidenciar a importância das interações aluno/conhecimento e professor/aluno/conhecimento na construção do sucesso/fracasso escolar, é preciso repensar muito sobre suas práticas pedagógicas. É preciso pensar a educação como trabalho de humanização e realização pessoal, tanto para alunos como para os educadores.

REFERÊNCIAS

BASSEDAS, Eulália et al. **Intervenção educativa e diagnóstico psicopedagógico**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed editora, 1996.

BOSSA, Nadia A. **Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como trata-las?** Porto Alegre: Arte Medica Sul, 2000.

COPETTI, Jordano. **Dificuldades de aprendizado: manual para pais e professores**. 2. ed. Curitiba: Juara, 2009.

DISCALCULIA. Disponível em: <www.artigonal.com/educação-artigos-educativos>. Acesso em: 17 maio 2011.

DUNN, Kathrynboesel. **Problemas na escola: uma história sobre dificuldades de aprendizagem**. Porto alegre: Artes Médicas, 1997.

PAIN, Sara. **Diagnostico e transtorno de aprendizagem**. Porto Alegre:Artes Medicas, 1985.

JOSÉ, Elisabete da Assunção José; COELHO, Maria Teresa. **Problemas de Aprendizagem**. 12. ed. São Paulo: Ática. 1997.

FORMAÇÃO DOCENTE: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

Elaine de Fátima Fagundes¹

Eracilda de Assumpção²

Silvia Regina Canan³

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos acentuou-se o debate sobre a formação de docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois com os avanços tecnológicos o papel do educador se torna cada vez mais complexo e difícil, e muitas vezes, a ideia de que ensinar é muito simples, acaba contribuindo para o desprestígio da profissão no contexto social em que vivemos.

A sociedade está cada vez mais exigente, porém não leva em conta a realidade enfrentada no dia a dia do docente, o qual precisa seguir as normas curriculares, e ainda instigar seus alunos a analisar criticamente os acontecimentos da sociedade. Cobra-se do docente, opiniões formadas e críticas para com os alunos, as quais muitas vezes ele mesmo não as têm. É importante ressaltar o pensamento de Moysés:

Não podemos nos esquecer, tampouco, que a própria escola que formou (ou deformou) a professora é, provavelmente, a mesma que não lhe permitiu que praticasse a autonomia e a independência. Ao contrário, a fez ser submissa às ordens. Assim, se há um forte apelo ao cumprimento dos conteúdos, ainda que estereotipados e pobres de sentido, torna – se difícil, para ela, assumir uma postura crítica diante deles. [...] (1994, p. 123).

Nesse sentido, é importante a formação continuada dos docentes que com sua participação ativa e crítica possam acompanhar o verdadeiro processo de inovações e mudanças. No entanto a instituição escolar, como um todo, deve ser o “motor” da inovação docente, oportunizando aos alunos a recriar, questionar e aprender a serem pessoas livres, menos dependentes do poder econômico, político e social, tendo como base os conhecimentos vinculados às competências e habilidades que a sociedade emergente está a exigir do ser humano.

¹ Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/Ensino Médio - CNPQ, URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS.

² Mestre em Educação pela Universidade Do Vale dos Sinos – UNISINOS- RS. Professora Titular da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- FW.

³ Doutora em Educação. Professora do PPGEdu, URI/FW.

Portanto, a escola não pode ignorar o que se passa no mundo como as novas tecnologias de informação e comunicação, sem tentar competir com elas, mas sim aliar-se, fazer um bom uso e levando para a sala de aula obstáculos e situações reais, as quais despertarão o interesse dos alunos; porém para que isto ocorra não basta, apenas trabalho em equipe, mas também cooperação e prática, sem esquecer que um dos caminhos para formar cidadãos atuantes na sociedade é refletindo e mudando toda a formação docente.

1 CONCEPÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

A educação brasileira é objeto de grandes discussões na sociedade, o que revela a necessidade de ter profissionais capacitados para a tarefa de ensinar, pois nos dias atuais o papel do docente exige muito mais que conhecimentos, é preciso desenvolver a capacidade de ligar a teoria com a prática, a qual é necessária que seja trabalhada em torno de situações concretas. Para ter a capacidade de ligar a teoria com a prática é preciso buscar um conhecimento pertinente, que exige sempre um esforço de reelaboração, pois para ser um educador é necessário, não apenas conhecer um determinado conteúdo e sim compreendê-lo em todas as suas dimensões, ou seja, ir além do que sabe ou que lhe foi transmitido.

Nóvoa (2001) ressalta que a inovação é um elemento central do próprio processo de formação. Há uma constante evolução na sociedade, a qual requer profissionais que formem cidadãos capazes de selecionar, identificar e analisar criticamente as informações da mídia em geral, para isso o educador deve participar ativa e criticamente no verdadeiro processo de inovações e mudanças. Conforme Celestino (2006, p. 74), “Não há lugar para uma formação dogmática; ao contrário, o paradigma sobre o qual se constrói a sociedade requer uma formação científica que seja analítica e crítica. [...]”.

Neste sentido o educador precisa ser o primeiro pesquisador da sala de aula, começando pela investigação dos interesses e saberes de seus alunos, portanto a escola não pode ignorar o que se passa no mundo, como as inovações tecnológicas, as quais estão transformando a maneira de viver, surgindo a necessidade de a escola oportunizar aos educandos momentos de recreação, criatividade e interação. “[...] interessar-se pelos saberes e pela subjetividade deles é tentar penetrar no próprio cerne do processo concreto de escolarização, tal como ele se realiza a partir do trabalho cotidiano dos professores em interação com os alunos e com outros atores educacionais” (TARDIF, 2002, apud CELESTINO, 2006, p. 75).

Ao contrário da pedagogia tradicional, a qual vê os alunos como meros receptores de informações e o professor como o detentor de todo o saber. Hoje, os educadores estão em uma

constante busca de um método que minimize as dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem, onde não basta “fazer” é preciso “saber fazer” e “fazer bem feito”. Talvez, para poder mudar a educação seja necessário revisar criticamente os conteúdos e, principalmente, o Currículo Escolar, abrindo espaço para novas ideias e assim dando oportunidade, para que os alunos possam aprender a serem pessoas livres.

Não teremos uma sociedade melhor se não conseguirmos transformar a escola. A escola e, especialmente a escola pública, é importante na tarefa de conscientização para que os indivíduos não sejam manipulados e percebam as contradições sociais. A educação é fundamental. Basta ver que há toda uma política de ensino para impedir o desenvolvimento do pensamento crítico do povo. Educação não é prioridade, porque quando o povo é instruído é menos fácil de manobrar [...] (CUNHA, 2000 p. 97-98).

É importante considerar que os educadores são capazes de utilizar e produzir saberes específicos, uma vez que, seu desempenho não se reduz a uma mera transmissão de conhecimentos, porém com a rapidez do avanço tecnológico e científico o educador precisa estar em uma constante atualização. Como ressalta Demo (2004), nada envelhece mais rápido que o conhecimento inovador. Mesmo em um mundo globalizado, a escola deve desenvolver em seus alunos a cidadania, no sentido em que possam participar das soluções dos problemas brasileiros. Por isso toda a sociedade precisa ter consciência que a educação é inovadora e diante disso descobrir meios de diminuir as diferenças sociais.

[...] precisamos pensar que não devemos desenvolver em nossos alunos as habilidades de aprender a aprender rapidamente a fazer qualquer tarefa solicitada pelo mercado de trabalho globalizado, que os transforma em trabalhadores flexíveis. Mas é necessário retomarmos a questão da cidadania; [...] A instituição escolar deve sim, desenvolver nos educandos o princípio do aprender as questões nacionais cotejadas com as internacionais, aprender a aprender a solução dos problemas brasileiros, uma vez que a nova sociedade do conhecimento parece desenvolver-se somente para as camadas mais privilegiadas da população. [...] (MIGUEL, 2010, p. 4 e 5).

É através da educação que um país cresce, aumentando sua renda e melhorando a qualidade de vida das pessoas, embora o Brasil tenha avançado neste campo ainda falta muito a ser feito. É preciso começar pelo ponto certo, agindo com a base da sociedade que é a educação; dando o merecido valor àqueles que se dedicam a educar os “filhos do Brasil”, pois:

O professor com relação à escola é, ao mesmo tempo, determinante e determinado. Assim como seu modo de agir e de ser, recebem influência do ambiente escolar, também influência este mesmo ambiente. [...] como talvez fosse precipitado afirmar que o professor tem papel principal no desempenho escolar, é também impossível desconsiderar que sem o professor não se faz escola. (CUNHA, 2000, p. 24 e 27).

Neste sentido, é necessário grandes mudanças na trajetória percorrida pelos educadores, na perspectiva de formar pessoas críticas e atuantes na sociedade, podendo assim transformar o mundo globalizado e individualista em que vivemos. Mas cabe-nos pensar que a educação inovadora precisa descobrir meios de diminuir as diferenças sociais:

[...] a formação deve aproximar-se da prática, no interior das instituições educativas. O contato da formação com a prática educativa faz com que o conhecimento profissional se enriqueça com outros âmbitos: moral e ético, além de permitir que se fomente a análise e a reflexão sobre a prática educativa, tentando uma recomposição deliberativa dos esquemas, concepções e crenças que o conhecimento pedagógico tem sobre o ensino e a aprendizagem. Permitiria trabalhar em benefício do professor e da educação da humanidade. (IMBERNÓN, 2010, p. 5).

Sendo assim, é importante entender que há uma grande diferença entre vivenciar um fato e falar sobre ele, para que assim se possa tentar compreender o que os docentes sentem ao serem desvalorizados pela sociedade, e muitas vezes, por seus próprios alunos. Porém, o que a sociedade não quer ver é que sem o educador não haveria as demais profissões, ou seja, quem iria formar os demais profissionais que são tão importantes quanto o professor?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que com os avanços tecnológicos torna-se cada vez mais difícil atrair a atenção dos alunos, com isso o docente precisa saber ligar a teoria com a prática, ser criativo e ser pesquisador, ou seja, é preciso ir além. Na sociedade atual, o papel docente ainda exige que se forme pessoas pesquisadoras, atuantes e capazes de analisar criticamente determinados fatos.

Nesse sentido, o objetivo da educação é ajudar a tornar as pessoas a serem mais livres, menos dependentes do poder econômico, político e social. Porém isso não está acontecendo, uma vez que um povo culto, instruído e que tem uma visão crítica é mais difícil de ser manipulado. Além disso, há a desvalorização dos educadores, os quais estão sendo cada vez mais cobrados, mas nada é feito para mudar a sua formação. É importante ressaltar que:

Não se trata, portanto, de algo como vocação ou dom. É obra consciente, que veio se construindo, dialeticamente, ao longo dos anos. Assim, procurando tecer os fios da teoria e da prática, elas estão elaborando, de maneira singular, um saber sobre o processo ensino/aprendizagem que ocorre em escolas como as nossas, com todos seus problemas e dificuldades. Algo que não deve ser desprezado. (MOYSÉS, 1994, p. 130).

É necessário construir o conhecimento com o concreto e enfrentando situações do dia a dia, ou seja, durante a formação do docente, este precisa conhecer a realidade que irá enfrentar ao escolher ser educador. Somente investindo, acreditando e dando o merecido valor à educação e aos educadores que o Brasil irá seguir em frente, diminuindo as diferenças sociais e deixando de ser uma sociedade de conhecimento somente para as classes privilegiadas.

REFERÊNCIAS

CELESTINO, Marcos Roberto. A formação de professores e a sociedade moderna. **Dialogia**: São Paulo, v. 5, p. 73-80, 2006.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional – formar-se para a mudança e a incerteza**. Disponível em:
<<http://decampinasleste.edunet.sp.gov.br/gabinete/formaçao docente.htm>>. Acesso em: 8 dez. 2010.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. **Reflexões sobre as matrizes históricas da formação de professores no Brasil**. Texto mimeo. 2010. Disponível em:
<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/107_maria_elisabeth.pdf>. Acesso em 4 nov. 2010.

MOYSÉS, Lúcia M. **O desafio de saber ensinar**. Campinas, SP: Papirus; Niterói; Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994.

NÓVOA, Antonio. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. Universidade de Lisboa, Portugal. Disponível em:
<www.revistaeducacion.mec.es/re350/re350_09por.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2010.

FORMAÇÃO DOCENTE: UMA REFLEXÃO

Débora Regina Vieira Rocha¹
Juliane Cláudia Piovesan²

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo refletir sobre a formação docente e as situações encontradas pelo professor do século XXI, apontando as circunstâncias vivenciadas, bem como, aspectos importantes do ser/fazer docente.

É comum ouvir falar sobre as novas concepções da educação. No entanto, é impossível debater sobre esse assunto sem se refletir acerca da formação docente, profissionais estes que recebem exigência de múltiplas habilidades e competências, para que possam lidar com as inovações, as incertezas e as situações de maior complexidade. Afinal, o ofício do professor vai muito além do que passar conteúdos aos alunos, o mesmo tem papel de ajudar a construir uma identidade própria, ou seja, formar um cidadão crítico e que saiba ir em busca do seu conhecimento.

E, como enfatiza Arroyo, que “educar é revelar saberes, significados, mas antes de mais nada revelar-nos como docentes educadores em nossa condição humana. É nosso ofício. É nossa humana docência” (2001, p. 67).

Assim, percebe-se o grande desafio das instituições formadoras e do profissional da educação num mundo de mudanças contínuas e de muitas incertezas, em fazer do ensinar e do aprender processos de qualidade e impulsionadores da vida humana.

1 SER PROFESSOR NO SÉCULO XXI

A pesquisa de iniciação científica referente ao tema formação docente e disciplinas pedagógicas têm como objetivo proporcionar aos alunos do ensino médio um maior conhecimento teórico sobre a formação do profissional docente. Com isso, após leituras de referenciais teóricos relativos ao tema, concorda-se com Garcia (1995, p. 54-55) quando diz

¹ Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/Ensino Médio - CNPQ, URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen - RS

² Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI – Câmpus de Frederico Westphalen – Mestre em Educação e orientadora do projeto.

que “a formação de professores é um processo que tem que manter alguns princípios éticos didáticos e pedagógicos comuns, independentemente do nível de formação em causa”.

Neste aspecto, nota-se com maior facilidade o quão complexo é formar um professor, pois as tecnologias transformam-se e avançam muito rápido em nosso meio, o que exige que o educador seja um profissional de múltiplas habilidades e competências. Sabendo que educar, diante desse horizonte, é ter coragem de romper consigo mesmo e então, instaurar uma nova compreensão da ação e fundamentar uma ação reflexiva.

Neste sentido, concorda-se com as palavras de Cunha (1989, p. 66), que muitas vezes “os professores vivem num ambiente complexo, onde participam de múltiplas interações sociais no seu dia a dia. São eles também frutos da realidade cotidiana das escolas, muitas vezes incapazes de fornecer uma visão crítica aos alunos, porque eles mesmos não as têm, porque se debatem no espaço de ajustar seu papel à realidade imediata da escola, perdendo a dimensão social mais ampla da sociedade”.

Na atualidade, é complexo ser um educador, devido a inúmeros fatores como, por exemplo, o fato de estar inserido em uma sociedade que está em período de profundas transformações, bem como pela desvalorização desses profissionais, e ainda, pode-se destacar os avanços tecnológicos que ocupam a maioria dos lares dos educandos e da sociedade como um todo. Neste horizonte, a revolução tecnológica e as mudanças no mundo estão exigindo comportamentos diferentes frente aos alunos, pois eles passam a interessar-se pelas experiências que lhes acenam como novas possibilidades para enfrentar a realidade.

Gesi e Eynng (2006, p. 33) afirmam que “os avanços técnicos científicos exigem um profissional com capacidade para lidar com as inovações, as incertezas e com situações de maior complexidade”.

Neste sentido, são muitas as dificuldades e embates que os docentes vêm enfrentando no cotidiano, no seu processo educativo, porque há divergências no que os professores desejam ensinar aos alunos e no que ele realmente está conseguindo construir junto com eles, acabando, muitas vezes, por gerar angústias e apreensões.

O professor, neste contexto, necessita definir aonde quer chegar e tentar fazer com que o aluno aprenda o conteúdo que lhe está sendo transmitido e ainda ajudar a construir uma identidade própria, ou seja, formar um cidadão crítico e consciente da realidade, destacando-se a importância do docente na sociedade.

Neste aspecto, nota-se que a ampliação das funções da escola tem ultrapassado as possibilidades de atuação do educador, e isso acaba por fragilizar a especificidade de sua

função: que é ensinar, pois muitas vezes os professores estão fazendo o papel da família de seus alunos.

Neste horizonte, é comum que os professores exponham sua insatisfação com as situações que verificam no exercício de sua docência, visto que a realidade e a própria existência do discurso crítico, apontam a necessidade de adoção de novos padrões que auxiliem a produzir mudanças.

No entanto, a formação destes profissionais é um processo longo e que obedece a alguns princípios. É importante, então, destacar a necessidade da formação continuada, já que esta é uma forma de aperfeiçoamento dos educadores, porque o profissional da educação, mais do que passar conteúdos, deve ter o domínio de conhecimentos e, ainda, ter novas atitudes de comportamento, uma vez que a competência nada mais é do que um somatório de conhecimentos, conhecimentos estes que devem ser atualizados e construídos com os alunos.

No entanto a formação docente tem por base a concepção construtivista da realidade com a qual se defronta, não basta conhecer o conteúdo, deve-se saber dar aulas criativas que estimulem os alunos, ou seja, não basta teoria, tem que saber praticar. O bom educador deve ir além, para conseguir transmitir o conhecimento aos educandos, não pode se deixar dominar pelas dificuldades e pela mesmice, o mesmo deve ter uma postura problematizadora dentro da sala de aula. Assim, conhecimento deve ser informação com sentido. Então, o educador deve ser um profissional do sentido. Freire enfatiza que,

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos *cansam*, não *dormem*. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (1996, p. 96).

Por esse motivo, a formação destes profissionais da educação exige maiores habilidades para lidar como conhecimento, do que simplesmente acumular conteúdos.

Nesse aspecto concorda-se com Cunha (1989, p. 171) quando afirma que “os desafios são muitos. Creio ser necessário um esforço coletivo no reconhecer e refletir sobre as contradições de sociedade em que vivemos, e nela, muito especialmente, as questões relacionadas com a nossa área de atuação: só assim poderemos fazer avançar a educação brasileira”.

O que se julga de suma importância, pois a educação é a base propulsora de uma vida digna e feliz. E, como Morgado (2010, p. 38) advoga “[...] pensar educação é pensar a

sociedade no seu todo, isto é, no seu patrimônio cultural, nos seus valores, nas suas ambições e nas suas utopias”.

1.1 Ser professor: um processo inconcluso

Na atualidade, exige-se profissionais com autonomia e capacidade de fazer bem o que fazem. Neste sentido Silva (2010, p. 61) enfatiza que “aquilo que um profissional pensa e faz é um ‘saber fazer’, que é resultado de um processo de aquisição e, ao mesmo tempo de um ‘saber prático’ no sentido de um discurso com a práxis, ou seja práxis no sentido da possibilidade de praticar a teoria e teorizar a prática como momentos de um mesmo e único processo”.

Neste sentido Silva (2010, p. 59) salienta que “aprender a ser professor, não é tarefa que se conclua após um aparato de transmissão deles”. É necessário definir o horizonte o qual quer seguir para “fazer” o aluno aprender, construindo competência e criando uma identidade própria.

Nesse aspecto, o profissional competente atua refletindo na ação, criando uma nova realidade, experimentando, corrigindo, inventando através do diálogo que estabelece com esse real.

Como enfatiza Nóvoa (1992, p. 12), “os professores vivem tempos difíceis e paradoxais. Apesar das críticas e das desconfianças em relação às suas competências profissionais, exige-se-lhes quase tudo. Temos de ser capazes de pensar a nossa profissão”.

Afinal, Cunha (2010, p. 1) destaca que, “tudo indica que estes valores manifestos na prática cotidiana são elemento de formação muito mais poderosa”. Ainda pesquisas mostram que professores se inspiram nas práticas vividas e fatos que foram marcantes durante suas trajetórias na escola. Então se pode dizer que o professor vem convivendo com sua profissão desde os anos iniciais de sua trajetória escolar. Tardif corrobora afirmando que,

Um professor tem uma história de vida, é um ator social, tem emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura, ou mesmo culturas, e seus pensamentos e ações carregam as marcas dos contextos nos quais se inserem. (2003, p. 265).

Então, as fases da formação docente começam durante a formação escolar anterior, transformam-se na formação universitária inicial, validam-se no momento do ingresso na profissão, nos primeiros anos de carreira e prosseguem durante toda a vida profissional.

CONCLUSÃO

Através deste estudo pode-se constatar o quão importante é a formação de educadores, sendo um processo longo e contínuo em toda a carreira. Neste aspecto, a preparação dos professores é fundamental para que haja a interação dos docentes com os alunos.

Portanto, deve-se ter em mente a necessidade de um processo de especialização na busca por melhoria na formação destes profissionais, visto que o ofício destes vai muito além do que passar o conteúdo aos alunos, eles têm o papel de ajudar a construir a identidade de seu educando e ainda formar um cidadão crítico que saiba ir em busca de seu conhecimento.

No entanto, são muitas as circunstâncias vivenciadas no exercício de sua prática pedagógica e por isso é comum que os professores exponham a insatisfação com a realidade vivenciada, sentindo-se, muitas vezes, desvalorizados e infelizes.

Neste horizonte, apontam a necessidade de mudança de adoção de novos padrões que auxiliem a produzir mudanças, visto que a sociedade na qual estamos inseridos requer professores que saibam lidar com os avanços técnicos e científicos que estão presentes na realidade.

E, como salienta Nóvoa (1992, p. 66) "Não há ensino de qualidade, nem reforma educativa, sem inovação pedagógica, sem uma adequada formação de professores". Nesse aspecto, deve haver mudanças e uma ação reflexiva frente à formação docente, tornando o ensinar e o aprender atividades que proporcionem sentido e significado.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CUNHA, Maria Isabel da. **O Bom Professor e sua Prática**. São Paulo: Papirus, 1992.

GARCIA, Carlos Marcelo. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre pensamento do professor. In: NOVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

GISI, Maria Lourdes; EYNG, Ana Maria. Formação inicial e continuada de professores. **Contexto e educação**, Unijuí, v. 21, n. 75, jan./jun. 2006.

MORGADO, José Carlos. **Para um outro arquétipo de escola: a necessidade de mudar as políticas e as práticas curriculares**. Erechim, RS: Reitoria Avenida Sete de setembro, 1558.

NÓVOA, Antonio. (Org). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVA, Arlete Vieira da. A articulação entre a teoria e a prática na construção do conhecimento pedagógico do conteúdo. **Revista espaço acadêmico**, UNISINOS, n. 112, set. 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FORMAÇÃO INICIAL E SABERES DOCENTES

Andressa Ellwanger Carlin¹
Juliane Cláudia Piovesan²

INTRODUÇÃO

A sociedade atual requer profissionais capacitados para exercer com êxito a tarefa social de educar. Esse aspecto gerou uma grande discussão sobre a formação e os saberes que os docentes estão recebendo. Os professores, porém, são os sujeitos que possuem, utilizam e produzem saberes específicos no desempenho de suas funções, sempre articulando esse saber de modo que possam torná-lo mais acessível para o aluno. Nesse sentido, pode-se destacar que a relação dos docentes com os saberes não se reduz à transmissão dos conhecimentos já constituídos, mas a sua prática integra conhecimentos diversos que são realizados a cada momento, difundindo competências, que vêm demarcando novas posturas dos educadores.

Para Tardif (2003, p. 257),

a prática profissional nunca é um espaço de aplicação dos conhecimentos universitários. Ela é, na melhor das hipóteses, um processo de filtração que os dilui e os transforma em função das exigências do trabalho, ela é, na pior das hipóteses, um muro contra o qual vêm se jogar e morrer conhecimentos universitários considerados inúteis, sem relação com a realidade do trabalho docente diário, nem com os contextos concretos de exercício da função docente.

As transformações na sociedade estão acontecendo repentinamente, elas fazem-se e desfazem-se, as tecnologias mudam o trabalho, os pensamentos e principalmente a vida cotidiana. Essas transformações clamam automaticamente por evolução na escola e na formação dos professores.

Assim, o presente estudo busca refletir, através de uma pesquisa bibliográfica, a formação docente, com análises da formação docente, seus desafios e os contextos em que está inserida.

¹ Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/Ensino Médio - CNPQ, URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen - RS

² Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI – Câmpus de Frederico Westphalen – Mestre em Educação e orientadora do projeto.

1 FORMAÇÃO DOCENTE: UMA REFLEXÃO

Através dos estudos empreendidos no projeto PIBIC/EM, na URI – Câmpus de Frederico Westphalen, percebe-se que sociedade requer profissionais mais competentes, principalmente na área de formação docente, na qual os profissionais precisam estar capacitados para a tarefa social de educar, buscando assim métodos para melhorar o ensinar e o aprender, e construir competências necessárias para tornar-se um agente transformador. Assim, para todo o trabalho profissional é preciso uma aprendizagem que irá fornecer conhecimentos teóricos, técnicos e práticos.

Nesse aspecto, podemos afirmar que os docentes precisam utilizar constantemente seus conhecimentos pessoais e um saber-fazer personalizado, agindo ao mesmo tempo como mestres e aprendizes, buscando requisitos fundamentais para terem a competência de preparar seus alunos para a vida, em termos de valores, ética e cidadania.

O professor é um profissional que adquire e desenvolve conhecimentos a partir da prática e no confronto com as condições da profissão, suas ações formativas vão além de uma abordagem acadêmica, envolvendo as dimensões pessoal, profissional e organizacional da profissão docente.

Um dos pontos importante nesta profissão é a valorização dos diferentes aspectos da história individual e profissional dos docentes. Reconhecendo-os como sujeitos do conhecimento e produtores dos saberes, pois o professor precisa dominar o conhecimento curricular e o conteúdo a ser ministrado.

Ainda, o professor tem responsabilidades especiais em relação ao conhecimento do conteúdo, servindo como fonte primária do entendimento do aluno com relação à disciplina. Desse mesmo modo transforma o conhecimento do conteúdo que ele possui em formas que sejam pedagogicamente eficazes e possíveis de adaptações às variações de habilidades e contextos apresentados pelos alunos.

Destaca-se que o aprendizado a partir da prática é a melhor descrição do que poderia denominar de aprendizagem para ensinar. Os saberes referentes ao conteúdo, à experiência e à cultura são essenciais no exercício da atividade docente, mas tomá-los como exclusivos, é mais uma vez contribuir para manter o ensino na ignorância.

Visto que o professor em sua formação acadêmica nem sempre irá receber saberes dirigidos à realidade em que está inserido, por isso precisa articular buscando sempre trazer o conhecimento para as situações concretas. A incorporação dos saberes docentes nos cursos de formação de professores permite efetuar melhor articulação entre a teoria e a prática.

Cunha (1992) enfatiza que, quando se fala em educação de professores, parece que se deve partir da indagação sobre o que determina o seu desempenho na prática de sala de aula, que é o lugar privilegiado onde se realiza o ato pedagógico.

De acordo com Tardif (2004, p. 270), “os cursos de formação de professores são normalmente programados de acordo com um modelo “aplicacionista”, no qual os estudantes têm numa primeira fase as disciplinas e só depois é que têm um estágio para “aplicarem” os conhecimentos adquiridos nas disciplinas teóricas”.

Esse modelo citado acima faz separação entre a pesquisa feita e a prática de seu cotidiano, além de considerar os alunos como espíritos virgens. Logo, é necessário o estudo dos saberes docentes que produzam mudanças nas concepções e nas práticas dos professores, pois muitas vezes teorias concebidas não têm relação com situações concretas. É desse modo que há um grande desafio enfrentado na atualidade, o fornecimento de uma formação profissionalizante que permita a articulação entre o “saber” e o “saber fazer”.

O estudo dos saberes docentes é muito importante, pois são frutos da reflexão crítica que os professores fazem da realidade educacional, além de identificar formas de trabalho no cotidiano escolar e transformá-las em conhecimentos que possam ser incorporados nos cursos de formação de professores.

Também, é importante frisar que os professores atuais, devido ao uso de novas tecnologias e recursos de todos os tipos disponíveis para a humanidade, enfrentam um grande desafio. Tal desafio requer do professor uma capacidade constante, estudo contínuo, curiosidade e interesse em estar atualizado. Portanto agir ao mesmo tempo como mestre e aprendiz são requisitos fundamentais aos que se dedicam à educação.

Pode-se afirmar então, que o saber do professor é heterogêneo e plural (TARDIF, 2003), pois não fica só na formação acadêmica, mas também em suas práticas e experiências.

Durante o exercício da docência os professores adquirem e mobilizam diversos tipos de saberes docentes tais como: saberes de formação profissional, saberes curriculares, saberes disciplinares e saberes experienciais (TARDIF, 2003). Os saberes da formação profissional são aqueles transmitidos pelas instituições que passam a ser incorporados à prática docente. Os saberes disciplinares são os saberes mais específicos, relacionados aos diversos campos do conhecimento. Quanto aos saberes curriculares são conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos.

Assim, pode-se afirmar que todos os saberes são importantes, mas os saberes necessários para o ensino são reelaborados e construídos pelo professor, esse saber está

interligado com o saber da experiência que é o centro da capacidade profissional, pois é formado de todos os outros.

Entretanto a partir do momento em que os professores constroem os saberes da experiência, todos os demais saberes poderão ser retraduzidos por eles em várias formas no seu cotidiano escolar.

1.1 A construção da formação docente

O professor é o único profissional que tem vivência sólida anterior em seu ambiente de trabalho. As práticas de seus antigos professores, de forma indireta são muito determinantes para o futuro profissional. É por isso que o professor precisa tomar consciência de seus saberes e seus conhecimentos que desde sua infância já vêm sendo edificados.

Toda práxis social é um trabalho cujo processo de realização desencadeia uma transformação real do trabalhador. Assim, trabalhar não é exclusivamente transformar um objeto ou situação em uma outra, mas é transformar-se a si mesmo. Portanto, boa parte da existência de um indivíduo é caracterizada por sua atuação profissional.

Todavia os professores eficientes designam um conjunto de saberes que fundamentam o ato de ensinar no ambiente escolar. Mas esses saberes não se limitam a conteúdos circunscritos, englobando num amplo sentido os conhecimentos, as competências, as habilidades e as atitudes dos docentes.

Ainda, as experiências educativas são marcantes para a construção do “eu profissional”. Uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, provêm de sua própria história de vida. A família, porém, é uma influência muito importante para a postura da pessoa em relação ao ensino, assim como as influências dos antigos professores, em épocas escolares.

Assim, experiências realizadas, antes da preparação do magistério, não levam apenas a compreender o sentido da escolha da profissão, mas influenciam na orientação e nas práticas pedagógicas atuais.

Quanto à dimensão subjetiva da carreira remete ao fato de que os indivíduos dão sentido a sua vida profissional e se entregam a ela como atores, cuja funções contribuem para definir e construir a sua carreira.

Também, na atuação do docente as bases dos saberes profissionais constroem-se no início da carreira, mas é também no início da carreira que se constitui uma fase crítica, de reajustes a serem feitos. Tardif (2003, p. 86) destaca que “o início da carreira é acompanhado

também de uma fase crítica, pois é a partir das certezas e dos condicionantes da experiência prática que os professores julgam sua formação universitária anterior”. Esse processo está ligado à socialização profissional do professor, o confronto inicial.

Por fim, tomada a consciência dessa construção, pode-se afirmar que muitas situações se aprendem somente na prática, no próprio lugar de trabalho, com a experiência, que é o fator mais importante na edificação dos saberes, que servem de base no trabalho docente. Arroyo (2001, p. 170), “a docência só é suportável, reinventada, a cada dia. Como a vida”.

Logo, podemos afirmar que os profissionais têm a necessidade de estar envolvidos em um grupo, pois a competência coletiva é mais importante do que o somatório das competências individuais, e têm como objetivo transformar a experiência coletiva em conhecimento profissional. Por isso é de suma importância assumir uma ética profissional que se constrói no diálogo com os outros colegas.

Desse modo, o professor precisa estar preparado para uma prática reflexiva, para a inovação e a cooperação. A prática reflexiva e a participação crítica devem ser prioridades na formação dos professores, mesmo que em seu cotidiano, suas condições de trabalho evoluam muito lentamente, fazendo suas aulas virarem rotina ou até muitas vezes em imensa burocracia. O contexto de transformação que se encontra a escola não produzirá mudanças automáticas, essas transformações deverão ser lidas e decodificadas para incitar à escola a mudanças significativas.

CONCLUSÃO

Com esse estudo pode-se concluir que as transformações na sociedade estão acontecendo repentinamente, elas fazem-se e desfazem-se, as tecnologias mudam o trabalho, os pensamentos e principalmente a vida cotidiana. Essas transformações clamam automaticamente por evolução na escola e na formação dos professores.

Por isso os professores precisam estar sempre em formação contínua, fazendo uma análise rigorosa de suas práticas, refletindo sobre sua própria relação tanto quanto sobre o modo de superar as limitações ou de tornar seus gestos técnicos mais eficazes.

Tal como a prática reflexiva e a participação crítica são inseparáveis, como fios condutores do conjunto de formação, das atitudes que deveriam ser visadas e desenvolvidas pelo conjunto de formadores e unidades de formação.

No entanto, o professor é um profissional que adquire e desenvolve conhecimentos a partir da prática e no confronto com as condições da profissão, e suas ações formativas vão

além de uma abordagem acadêmica, envolvendo as dimensões pessoal, profissional e organizacional da profissão docente.

Pode-se salientar que é na sala de aula que o conhecimento é constituído pelo aluno com a orientação e auxílio do saber do professor, e por fim analisados e refletidos. Desse modo, cabem ao docente e a toda instituição escolar, não só refletir sobre esse importante papel de educar, mas, porém construir competências necessárias para tornar-se um agente transformador.

Para ser professor, além de compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes, é educar, ajudar o ser humano a conseguir ultrapassar fronteiras, que tantas vezes lhes foram traçadas como destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade. É saber trabalhar na incerteza, ser afetivo, respeitar as diferenças entre os alunos, selecionar formas de comunicação e interação durante as aulas.

Os professores, porém, devem ser sujeitos que possuem, utilizam e produzem saberes específicos no desempenho de suas funções, sempre articulando os mesmos de modo que possam torná-los mais acessíveis para seus alunos.

Enfim, é por isso que o professor deve manter uma relação de envolvimento com sua prática, pois assim fará uma análise rigorosa refletindo sobre sua própria relação profissional, isso é o mínimo que se exige, na perspectiva da profissionalização e da qualificação do ensino.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patricia Cristina Albieri. Saberes docentes e formação inicial de professores: implicações e desafios para as propostas de formação. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 281-295, maio/ago. 2007.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CELESTINO, Marcos Roberto. **A formação de professores e a sociedade moderna**. Dialogia, São Paulo, v. 5, p. 73-80, 2006.

CUNHA, Maria Isabel da. **O Bom Professor e sua Prática**. São Paulo: Papyrus, 1992.

DIAS, Hildizina Norberto; ANDRÉ, Marli. A incorporação dos saberes docentes na formação de professores. **Revista Brasileira de Formação de Professores – RBFP**, São Paulo. v. 1, n. 3, p. 76 -89, dez. 2009.

LIMA, Sônia Filiú Albuquerque; GRIGOLI, Josefa A. **A visão dos professores sobre a formação inicial na construção do saberes da docência.** Disponível em: <www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/611_534.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2011.

PERRENOUD Philippe **Formar professores em contextos sociais em mudanças.** Disponível em: <educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n12/n12a02.pdf>. Acesso em: 11 maio 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2003.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 73, p. 209-244, dez. 2000.

O CURRÍCULO NA FORMAÇÃO INICIAL DOS DOCENTES

Marisa Barbieri¹
Maria Cristina Gubiani Aita²

INTRODUÇÃO

A formação de professores e a educação brasileira (Básica e Superior) tem sido objeto de grande preocupação e de muitas discussões tanto de educadores e estudantes, quanto de políticos. Segundo Nogaró (1999), algumas críticas estão relacionadas à rigidez curricular e metodológica dos cursos de formação que impedem uma relação com a prática.

Para o referido autor a formação de professores tem início antes mesmo de ingressar nos cursos e prossegue durante sua prática profissional. Nesse sentido, os professores precisam, durante os cursos de graduação e formação continuada, motivar-se e preparar-se para introduzir e implementar propostas inovadoras que permitam que seus alunos percebam a necessidade de continuar inovando e buscando sempre. Um professor de educação básica deve construir em seu aluno a capacidade de aprender e de relacionar a teoria com a prática em todas as disciplinas do currículo, pois contribui com seu desenvolvimento e qualidade do aprendizado de seu aluno.

Assim, nesse contexto, deve-se preparar os professores para que sejam formadores de cidadãos, considerando pessoas autônomas, capazes de analisar e identificar informações entendendo o que, como e por que o aluno pensa daquela maneira, e nas aulas é importante abrir espaços para discussão e negociação, construindo assim o conhecimento.

O educador deve mostrar-se ciente que precisa dominar os conteúdos a serem transmitidos e saber adaptá-los às mais diversas realidades e dificuldades que o aluno encontra. Desta forma é preciso desenvolver em um futuro educador a sensibilidade de perceber as peculiaridades de cada aluno e seu potencial em sala de aula, não esquecendo suas necessidades e dificuldades.

Nessa direção é de suma importância repensar o currículo, pois ele ajuda os professores a planejarem as suas atividades.

¹ Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/Ensino Médio - CNPQ, URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS.

² Mestre em Educação – UNISINOS - Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI-Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS.

Em uma construção coletiva o currículo pressupõe a percepção e o conhecimento da trajetória de vida e da realidade cultural dos educandos, sendo assim, também há um respeito aos ritmos pedagógicos dos educandos que estão envolvidos.

1 CURRÍCULO E FORMAÇÃO INICIAL

No final do século XIX e início do século XX é que o termo currículo passou a ter relevância no campo educativo e nos anos 90 ocorreu um avanço na defesa do direito dos docentes estruturarem os currículos e de participarem na seleção de conteúdos.

Estudiosos tratam o currículo a partir da perspectiva pós-estruturalistas, nas chamadas “teorias pós-críticas” as quais enfatizam questões como identidade, subjetividade, diferença, discursos, representações, gênero, sexualidade e mais conceitos que requerem não apenas entendimento, mas sim suas definições nas reflexões que foram feitas durante a construção de um currículo escolar e nas suas definições e práticas e as opções metodológicas e teóricas ao “porque ensinar” e o “para que ensinar”.

Para a redefinição de um currículo é fundamental que as instituições sejam relacionadas às especialidades dos contextos sociais e econômicos do qual fazem parte.

As teorias sobre o currículo procuram responder quais são os conhecimentos que devem ser ensinados? O que ensinar? O que os educandos devem saber? Quais são os conhecimentos mais importantes que fazem parte do currículo? Enfim, quais os tipos de ser humano que se deseja para a sociedade? Com base nesses questionamentos sobre a teorização do currículo, se deve ocupar necessariamente das condições da reflexão e ação educativa em função da complexidade que se deriva

O currículo deve se manter bem atualizado de acordo com os novos critérios sobre o que se tem de aprender em uma sociedade democrática e pluralista.

Em meio a tantas discussões, o currículo ganhou inúmeros sentidos, não havendo um consenso em relação ao que se deve entender por currículo constituído em fontes de divergência entre muitos teóricos.

Para Marques (1999), a palavra currículo significa na educação uma sequência articulada de estudo ou um conjunto de disciplinas. O currículo é se não uma listagem de conteúdos ou matérias na perspectiva da acumulação de informações.

Saviani (1997) destaca que o currículo é um conjunto de atividades nucleares desenvolvidas pela escola.

Nas palavras de Freire (1986) o currículo é um entendimento de uma leitura de mundo em sentido amplo, e faz uma crítica sobre a educação chamando-a de bancária que nos remete a ideia do mero “saber fazer” que implica apenas em transmitir os conteúdos específicos sem fazer a relação como o contexto social em que o aluno está inserido.

O currículo também tem suas reformas e foi a partir delas que Soares (2009) realizou uma pesquisa ressaltando que nos últimos três anos de 2005, 2006 e 2007 nenhuma pesquisa de mestrado e doutorado foi encontrada em relação à reforma curricular dos cursos de formação dos professores dos anos iniciais, nem tampouco ao tema central deste estudo.

O processo de produção de política de currículo foi intensificando a partir do período de redemocratização do país na década de 1990 sendo que essa produção ganhou um novo sentido diante da aprovação da LDB 9394/96.

Nos discursos de formação de professores, a prática é bastante significativa, pois é considerada como um elemento de fundamental importância na reorientação dos currículos. A prática se constitui como um significado vazio capaz de garantir a articulação de diferentes demandas da formação de professores em distintos contextos da política.

Na pedagogia humanista buscamos os fundamentos de Paulo Freire (2003) sobre a ética universal. O referido autor nos convida a repensar sobre a nossa prática educativa. É necessário que o professor assuma o sujeito da produção do saber e saiba que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidade para sua construção.

O professor foi transformado em um simples transmissor acrítico e mecânico do conhecimento e informação. Sua formação ficou reduzida à aquisição de instrumentos que propiciassem a transmissão desse conteúdo.

Nas palavras de Freire (2003) homens e mulheres se tornaram educáveis na medida em que se reconhecem seres inacabados. Não foi na educação que se fez homens e mulheres educáveis, mas a consciência de sua inclusão é que gerou a educabilidade.

A preocupação básica na formação de professores não pode ser somente a de lhe oferecer os conteúdos das disciplinas pedagógicas, mas de preparar profissionais comprometidos com um projeto de sociedade voltada para a construção do homem integral, ético, estético, político e social.

Freire faz uma crítica à pedagogia tradicional ressaltando que este tipo de educação conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo, narrado, assim,

Transformando os alunos em “vasilhas” em recipientes a serem “enchidos” pelos educados. Desta forma os educadores são os depositantes e os educados são os depositários, contra pondo esta pratica freire propõe uma educação problematiza

Dora para que forme um sujeito crítico participativos e atuantes em uma sociedade com o objetivo de transformá-lo em seres iguais e que todos tenham oportunidade, que esta seria a “educação libertadora” que Freire defende como justa e igualitária. (FREIRE, 2002, p. 58).

O educador deve abrir espaço durante as aulas para a reflexão e o diálogo possibilitando ao aluno a oportunidade de elaborar seu pensamento, aprofundar a compreensão que tem de si, do outro, do mundo do conceito social mais amplo.

É na problematização e no diálogo que o educador e o educando conjuntamente adquire uma postura crítica e o domínio do conhecimento. É pelo diálogo que o professor vai fazer com que o aluno caminhe e desenvolva seu raciocínio, tome posicionamentos, pois o diálogo não exclui o convívio e sim ativa a discussão e solicita a participação a presença dos educandos.

Um professor que tem as respostas prontas obriga o aluno a se calar, acaba eliminando o diálogo e estabelecendo uma relação de poder entre eles, ao mesmo tempo em que bloqueia a capacidade de pensar do educando, ou melhor, a sua capacidade de ser.

CONCLUSÃO

Tendo o currículo na formação inicial dos docentes como temática que este estudo entende que o mesmo é uma experiência educativa de alunos e professores, ou seja, tudo o que acontece na escola e na universidade e para alguns, até mesmo fora dela, já que a escola deixou de ser o principal local de informação e construção do conhecimento dos alunos,

Enfim um currículo é um dos primeiros passos a serem planejados antes de qualquer organização pedagógica. Temos que ter bons professores que saibam interpretar os currículos, a partir dos estudos que foram realizados nos cursos de formação inicial e continuada de professores.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Ieda (Org.). **Currículo escolar: propósitos e práticas**. Edunisc, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MAGALHÃES, E outros **a formação de professores para a diversidade na perspectiva de Paulo Freire**. V Colóquio Internacional Paulo Freire- Recife, 19 a 22-setembro 2005.

MARQUES, Mário Osório. A dinâmica de um currículo integrado. In: _____. **Currículo escolar: propósitos e práticas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

NOGARO, Arnaldo. **O currículo e a formação de professores**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

PORTO, Rita de Cassia. Currículo Formação de Professores e Repercussões metodológicas. **Revista eletrônica de ciências da educação**, Campo Largo, v. 8, n. 1, jun. 2009.

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andriéli Santos da Rosa¹
Elisabete Cerutti²

INTRODUÇÃO

Em relação à formação do professor, podemos dizer que é um assunto de extrema importância, pois é necessária a formação de profissionais competentes, os quais precisam conhecer a realidade de seus alunos e adaptar suas aulas de acordo com o que é necessário diante dos desafios que lhe são impostos.

Nosso objetivo é mostrar que para atingir o que lhe é proposto, o educador precisa possuir uma boa formação, capaz de lhe permitir a vivência de diversas atividades, as quais precisarão ser exploradas com seus alunos. Para que o professor consiga contextualizar o conhecimento de seus alunos, ele precisa aprender a contextualizar seu próprio conhecimento.

Diante das questões expostas, este estudo irá expor, na primeira parte, um enfoque para a formação do professor, pois é intrínseca a sua importância. Precisamos de professores pesquisadores, reflexivos, aptos e criativos, profissionais estes que necessitam de uma boa formação que lhes proporcione uma interação com o lúdico.

Numa relação entre a ludicidade e a formação do professor é possível observarmos que o lúdico possibilita ao educador um referencial pedagógico, referencial este que ajudará ainda a criança no seu processo de ensino aprendizagem, pois a partir do momento em que o professor vivencia isso ele está aprendendo a explorar o mesmo no seu aluno.

Visto que o brincar livre não é considerado um recurso pedagógico é essencial que o professor adquira um referencial lúdico e saiba utilizá-lo com finalidade para a Educação Infantil.

¹ Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/Ensino Médio - CNPQ, URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen - RS

² Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI-Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS

1 O LÚDICO NA FORMAÇÃO DOCENTE

É notável a importância da ludicidade em se tratando da educação das crianças com ênfase na Educação Infantil, pois está relacionada ao desenvolvimento da criança em todos os aspectos. Segundo Mauricio (2010) a ludicidade é assunto que tem conquistado espaço no panorama nacional, principalmente na educação infantil, por ser o brincar a essência da infância e seu uso permitir um trabalho pedagógico que possibilita a produção do conhecimento, da aprendizagem e do desenvolvimento.

Através do jogo a criança desenvolve sua percepção em relação ao mundo real e à fantasia, com ele a criança manifesta sua criatividade. Para Mauricio (2010) brincando, sua inteligência e sua sensibilidade estão sendo desenvolvidas.

A partir dessa lógica podemos dizer que é papel da educação formar professores que sejam capazes de criar, inventar e descobrir novos conhecimentos, para que seus futuros alunos possam aprender com a atividade lúdica e não vê-la apenas como um exercício.

É necessário que o educador insira o brincar no contexto educativo dos alunos, justificando que o brincar é aprender com o seu próprio desenvolvimento, quando a criança está brincando sua capacidade de percepção aumenta e assim ela se torna criativa e apta a aprender sempre. A medida em que as crianças crescem, seu tempo para brincar e jogar diminuem e elas acabam esquecendo o verdadeiro sentido da brincadeira.

O lúdico apresenta diversas formas de aprendizagem, através dele os professores conseguem desenvolver o crescimento da criança, pois brincando elas aprendem a conviver em sociedade e a transformar suas fantasias em realidade. Para Mauricio (2010) o lúdico é uma contribuição significativa para o desenvolvimento do ser humano, auxiliando não só na aprendizagem, mas também na expressão e na construção do pensamento.

Diante do exposto, percebe-se que para formar profissionais criativos e aptos a desenvolverem o conhecimento dos alunos, é necessário que esses profissionais vivenciem atividades lúdicas na sua formação. Isso será muito importante para a futura vida docente, com o intuito de que consigam despertar nas crianças a criatividade e resgatar nelas a alegria do brincar aprendendo.

Por isso, o desenvolvimento de conteúdos que abordam o lúdico na formação de educadores, poderá ser uma proposta inovadora no processo de transformação de saberes profissionais. Através desses conteúdos o educador vai adquirir um conhecimento a respeito da brincadeira que vai estimular o desenvolvimento cognitivo e propiciar aprendizagens específicas para os alunos. Segundo Rau, Romanowski e Martins (p. 657) “através da prática

pedagógica do jogo o professor pode conhecer as expressões da personalidade do educando, porque nela a criança se liberta de situações difíceis, as coisas e ações não são o que aparentam ser”.

Portanto, podemos considerar também que a brincadeira tem grande importância na aprendizagem do aluno, é importante para incentivar a inteligência, a compreensão e no seu desenvolvimento. Brincando ou simplesmente jogando com os colegas a criança terá capacidades para desenvolver atenção, trabalho em grupo, concentração e outras coisas que serão importantes quando forem profissionais. De acordo com Melo (p.6) “é por meio da brincadeira que a criança começa a compreender como as coisas funcionam, o eu pode ou não ser feito com os objetos e quais as regras de convivência social que devem ser seguidas”.

Segundo a pesquisa realizada por Maurício (2010), os professores de Educação Infantil consideram importante a presença de uma brinquedoteca na escola para ajudar na aprendizagem das crianças e atuar como recurso pedagógico para os professores.

A escola deve ser um lugar onde os alunos possam se sentir livres. Os professores precisam ser corajosos ao assumir o lúdico como recurso para a aprendizagem, pois as brincadeiras devem ser bem pensadas e devem desenvolver o raciocínio dos alunos de forma com que eles se questionem e aprendam o sentido do brincar que está sendo proposto pelo professor. Para Fortuna (2003/2004, p. 7), mesmo sem intenção de aprender, quem brinca aprende, até porque se aprende a brincar.

Visto que o brincar livre não é considerado um recurso pedagógico, é essencial que as atividades propostas pelo professor tenham finalidade para a educação de crianças da Educação Infantil. A formação lúdica propicia ainda aos educadores o conhecimento de si mesmo, através de suas limitações e potencialidades, que mais tarde serão desenvolvidas nos alunos.

É necessário que o educador, ao fazer atividades lúdicas, insira o brincar num projeto educativo, o que pressupõe em objetivos sobre a importância de sua ação em relação ao desenvolvimento e à aprendizagem das crianças.

A criança aprende através da brincadeira a encontrar na própria vida a complementação para suas necessidades. Os educadores precisam admitir que o brincar é aprender, pois brincando as crianças agem como se estivessem em outro lugar, no seu lugar, em que a fantasia se torna realidade e a imaginação é fruto de sua vivências.

CONCLUSÃO

Ao concluirmos as reflexões sobre formação do professor e ludicidade é possível verificar que o professor desempenha um papel importante e, por isso, precisa ser reflexivo e atuar de maneira crítica perante sua prática, pois assim terá suporte para agir sobre aquilo que precisa ser aprimorado. Para que se desenvolva um ensinar com qualidade é extremamente importante uma formação com qualidade e experiências cotidianas.

É preciso considerar que a formação é elemento constitutivo tanto na vida pessoal, quanto na vida profissional do professor, pois durante a formação ele se torna um educador competente e capaz de atuar de maneira significativa proporcionando aos seus alunos a construção do conhecimento que é adquirido de acordo com suas experiências.

O lúdico faz parte da formação com qualidade, pois dá suporte para o educador atuar em sala de aula. A formação lúdica propicia aos educadores o conhecimento de si mesmos, através de suas limitações e potencialidades que precisam ser exploradas nos alunos, brincando a criança estabelece uma ligação entre o mundo real e a fantasia, isso faz com que a criança aprenda brincando.

É interessante constatar que as leituras de diversos autores contribuíram para um desenvolvimento reflexivo sobre a formação e a atuação do docente, o educador precisa admitir que brincar, também, é uma maneira de aprender, brincando o indivíduo age como se fosse outra coisa e estivesse em outro tempo e lugar.

Assim, o tema proposto para esta pesquisa, nos trouxe uma contribuição significativa para a futura vida docente, foi possível perceber que é papel do professor pesquisar, refletir e inovar, pois ao final os recursos pedagógicos como brincadeiras e jogos contribuem para a vida docente, pois o professor precisa conhecer o lúdico para estimular o desenvolvimento cognitivo e propiciar aprendizagens específicas para os alunos.

REFERÊNCIAS

BACKES, Lucas Henrique. **Professor pesquisador**. Disponível em: <www.mat.UFRGS.BR/~vclotilde/disciplinas/pesquisa/texto/_Backes.Pdf>. Acesso em: 28 jul. 2011.

BORELLI, Julma D. Vilarinho Pereira. **Pensando a relação teoria e prática na formação docente**. UNIFAN/UFG, 01 dez. 2010. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~clafpl/18_Julma_Borelli.pdf>.

CELESTINO, Marcos Roberto. A formação de professores e a sociedade moderna. **Dialogia**, São Paulo, v. 5, p. 73-80, 2006. Disponível em:
<<http://www4.uninove.br/ojs/index.php/dialogia/article/viewFile/889/761>>.

FORTUNA, Tânia Ramos. O brincar na Educação Infantil. **Pátio Educação Infantil**, v. 1, n. 3, Dez. 2003; mar. 2004.

JUNG, Karen Maria. **A pesquisa na formação do professor**. Disponível em: <<http://143.54.226.61/~vclotilde/disciplinas/pesquisa/textoJung.Pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2011.

MAURICIO, Juliano Tavares. **Aprender brincando: o lúdico na aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.profala.com/arteducesp140.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2010.

MELO, Belane Rodrigues. **A importância da brincadeira como recurso de aprendizagem**. Disponível em: <www.faedf.edu.br/faedf/Revista/AR01.pdf>. Acesso em: 20 set. 2011.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles., ROMANOWSKI, Joana Paulin., MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **O lúdico na formação de professores do Ensino Fundamental e Educação Infantil**. Disponível em:
<www.pucpr.br/eventos/educere/educere2005/anaisEvento/documentos/com/TCCI054.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2010.

PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: UMA PROPOSTA EDUCATIVA

Amabile Marchezan¹
Luci Mary Duso Pacheco²

INTRODUÇÃO

Nesse estudo abordaremos sobre a Pedagogia da Alternância que teve início na França após a guerra de 1939 a 1945, como ela surgiu e como funcionam os Centros de Formação por Alternância, qual e a sua importância para o jovem que estuda no centro.

Entenderemos melhor sobre os instrumentos de ensino que ajudam e incentivam os jovens para o gosto de estudar que nos dias de hoje está cada vez mais difícil e isso também motiva o jovem a continuar no campo.

1 CENTRO FAMILIAR DE FORMAÇÃO POR ALTERNÂNCIA E A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

O CEFFA (Centro Familiar de Formação por Alternância) surgiu devido à necessidade de pequenos agricultores que após a guerra de 1939 a 1945 encontravam-se desorientados pela grande transformação que a agricultura vinha sofrendo. Destacamos alguns dos principais fatores que levaram a essa transformação:

- Comercialização de Máquinas Agrícolas;
- Crise no Mercado do Leite;
- Crise no Mercado da Carne Suína e Bovina;
- Ofício do Trigo - o primeiro ato de organização do mercado
- Êxodo Rural, acrescido das grandes concentrações urbanas;

Com isso agricultores tomavam consciência da evolução técnica, econômica, social, da qual queriam e buscavam uma maior evolução e melhor organização do seu povo e cultura.

¹ Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/Ensino Médio - CNPQ, URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS.

² Doutora em Educação. Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen. Orientadora do PIBIC-EM. Docente do PPGEd, URI/FW.

Jean Peyrat era um desses agricultores. Ele pertencia àqueles que evoluíram e queriam buscar a participação dos outros. Era um profissional competente, presidente do Sindicato Rural de Sérignac-Péboudou. Ele era convencido da necessidade de uma boa formação como agricultor para conduzir com eficácia um empreendimento agrícola. Quando seu filho Yves completou doze anos, recebeu seu certificado de estudos (primário), no entanto, seu pai queria vê-lo mais instruído, mais competente, mais gente que ele mesmo tinha sido e desejava vê-lo prosseguir seus estudos.

Porém Yves não era motivado para escola. Este aspirava outras coisas, a atitude de seu filho era uma decepção, então ele foi pedir conselho ao vigário de sua paróquia o Padre Granereau, esse era filho de agricultores, apaixonado pela profissão, pelo desenvolvimento da agricultura e do meio rural. Decidiram então que a melhor solução seria a criação de uma nova escola de jovens agricultores em Sérignac-Péboudou, mas para isso se tornar realidade era preciso quatro jovens então Jean foi à procura de mais três jovens, pois o primeiro seria seu filho e o professor (monitor) seria o Pe. Granereau. E ai surgiu a primeira Maison Familiale Rurale. No primeiro ano de experiência apenas quatro jovens participaram da escola. No ano seguinte eram cerca de 20 jovens, isso só aconteceu pelo incentivo das famílias. Durante a década de 50 a experiência começa a chamar atenção e se expande para outros países da Europa. Em 1975 foi criada a Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação por Alternância – AIMFR (JOSSERANT-NOVÉ, 1998).

No Brasil, a Pedagogia da Alternância iniciou no estado de Espírito Santo, em 1969, onde foram construídas as três primeiras Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) ou então os Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs).

A maioria dos CEFFA funciona da seguinte maneira:

- Duas semanas em casa, quase sempre no empreendimento familiar.
- Uma semana na escola.

A grande característica do CEFFA é a alternância, na prática, o aluno não está sempre na escola e o tempo de formação é dividido. A semana em que o aluno fica na escola ele tira dúvidas, aprende conteúdos novos e troca experiências com os colegas. Nas outras duas semanas ele trabalha na sua propriedade e coloca em ação o que aprendeu (BEGNAMI, BURGHOVE, s/d).

O objetivo principal do CEFFA é permitir a formação técnica de agricultores, incentivar a permanência dos alunos no local de origem e incentivar o incremento de novas tecnologias no seu meio.

Por trabalhar exclusivamente com filhos e filhas de trabalhadores que praticam a agricultura familiar e concebe a educação como um processo de formação integral, o CEFFA desenvolve um trabalho interdisciplinar, contextualizado com base no Sistema de Produção Agroecológico, envolvendo os setores horta medicinal e comestível, fruticultura e criações, utilizando técnicas de manejo apropriado à sustentabilidade dos recursos naturais. (CEFFAs - Centros Familiares de Formação Por Alternância – site oficial).

Um aspecto relevante para a melhoria da qualidade de vida dos alunos e respectivamente dos seus familiares diz respeito à alimentação enriquecida e diversificada onde se utilizam cascas, sementes, talos, folhas e farelos de plantas oriundas das próprias comunidades que anteriormente eram descartadas. (CEFFAs - Centros Familiares de Formação Por Alternância – site oficial).

Um CEFFA nasce da iniciativa das famílias conscientes do papel que desempenham na educação dos adultos, dos pais, do próprio meio onde vivem os filhos. A Associação das Famílias tem como função gerir a Casa Familiar Rural - administrativamente, financeiramente e juridicamente, além disso, tem como responsabilidade participar da formação e complementá-la de modo coerente a partir do que lhe é ensinado na escola. (BEGNAMI, BURGHOVE, s/d).

Esse ir e vir sucessivo na elaboração do conhecimento torna a família, comunidade, monitor e alunos cúmplices e participantes ativos desta prática educativa. Assim salienta Gimonet dizendo “[...] que sejam os alternantes, os pais, os mestres de estágio, os monitores, e outros agentes educativos do CEFFA, cada um tem um papel específico a desempenhar. [...]” (GIMONET, 2007 p. 17).

A associação das famílias representa para a Pedagogia da Alternância um de seus alicerces de sustentação. A instituição familiar caracteriza-se como um espaço de aprendizagem informal, onde acontecem os processos naturais e espontâneos, sejam eles carregados de valores ou de representações. Essa informalidade está presente em locais distintos e na intencionalidade dos sujeitos de criarem ou buscarem determinadas qualidades e objetivos; então o grupo familiar é a primeira instância à qual se recorre e se obtém essa aprendizagem.

De acordo com Gimonet (2007, p. 27).

O processo de criação da Pedagogia da Alternância esteve coerente com o seu objetivo. Os agricultores inventores e seus porta-vozes pedagógicos não se basearam em teorias ou conceitos para colocá-los em prática de maneira dedutiva. Não, eles perceberam, escutaram e se conscientizaram dos problemas, das necessidades. Questionaram-se formularam hipóteses e tem enunciado soluções... Em seguida,

inventaram, realizaram, agiram, implementaram, arriscaram. Uma vez engajada a ação, observaram, escutaram, olharam as práticas. Analisaram, destacaram os componentes do sistema e os fatores de êxito e de fracasso. Disto tudo extraiu ideias, pensamentos, saberes e conhecimento, mesmo que fossem empíricos... Confrontaram com outros, diferentes, para atingir outros saberes, outros conhecimentos mais amplos no campo das ciências educativas... Para entender melhor, agir melhor a fim de prestar um serviço educativo, responder às necessidades, contribuir para o desenvolvimento das pessoas e do meio rural.

A Pedagogia da Alternância consiste numa metodologia de organização do ensino escolar que conjuga diferentes experiências formativas distribuídas ao longo de tempos e espaços distintos, tendo como finalidade uma formação profissional.

A Pedagogia da Alternância é uma alternativa para a Educação no campo, já que o ensino nesse contexto não contempla as especificidades e as necessidades da população que vive no meio rural.

Segundo Martins (s/d, p. 3)

[...] alguns problemas educacionais encontrados nas escolas e no meio rural dão origem à necessidade de uma proposta educacional específica para o campo. Alguns problemas que podem ser enumerados são: - a escola desvinculada da realidade local, - a falta de recursos para atividades básicas do campo, - a necessidade dos alunos ficarem na propriedade com sua família para trabalhar, - as dificuldades de acompanhar o calendário tradicional das escolas, - a desvalorização da escola multisseriada e - a falta de vagas nas escolas agro técnicas.

Ainda segundo Martins (s/d, p. 3-4):

Pensar numa proposta Educacional em oposição à educação convencional foi uma necessidade frente à realidade rural brasileira. Os fatores que contribuíram para o surgimento das Casas Familiares Rurais no Brasil tiveram relação direta com a economia agrícola baseada na produção de subsistência, a falta de conhecimento de técnicas alternativas para a preservação ambiental, o rápido processo de desmatamento, o uso do fogo de modo indevido, o preparo adequado do solo, o uso intensivo de agrotóxicos, o baixo uso de práticas conservacionistas nas áreas de cultivos, a monocultura, o êxodo rural, a evasão escolar pela falta de respostas das escolas existentes às reais necessidades dos jovens camponeses e pela falta de escola básica do campo.

A Pedagogia da Alternância se caracteriza por alternar a formação do aluno entre momentos no ambiente escolar e momentos no ambiente familiar/ comunitário. A proposta é desenvolver um processo de ensino-aprendizagem contínuo em que o aluno percorre o trajeto propriedade - escola - propriedade:

Em um primeiro momento, na propriedade, o aluno se volta para a observação, pesquisa e descrição da realidade sócio-profissional do contexto no qual se encontra.

Em um segundo momento, o aluno vai à escola, onde socializa, analisa, reflete, sistematiza, conceitua e interpreta os conteúdos identificados na etapa anterior.

Finalmente, num terceiro momento, o aluno volta para a propriedade, dessa vez com os conteúdos trabalhados de forma a que possa aplicar experimentar e transformar a realidade sócio-profissional, de modo que novos conteúdos apareçam, novas questões são colocadas, podendo ser novamente trabalhadas no contexto escolar.

De maneira geral, a Pedagogia da Alternância trabalha com a experiência concreta do aluno, com o conhecimento empírico e a troca de conhecimento com atores do sistema tradicional de educação, e também, com membros da família e da comunidade na qual vive o aluno e que podem fornecer-lhe ensinamentos sobre aquela realidade.

Atualmente, já existe uma série de instrumentos especialmente elaborados para trabalhar em regime de alternância, a Pedagogia da Alternância, assim como todas as metodologias educacionais, é dotada de instrumentos próprios. Esses instrumentos não são usados totalmente e nem de forma igual em todos os CEFFAs, pois podem ser adaptados de acordo com a realidade de cada região. De acordo com Begnami e Burghgrave (s/d) os instrumentos podem ser assim definidos:

- Plano de Estudo (PE) com temas geradores escolhidos a partir de um diagnóstico da realidade local: O PE é uma pesquisa sobre um tema da vida real escolhido previamente pelos alunos, pais e monitores. O PE na realidade são os fatores norteadores da educação onde se observa o valor das famílias e das comunidades é a partir do PE que as disciplinas são desenvolvidas na escola, ou seja, a educação no CEFFA segue a realidade onde os alunos estão inseridos.

- Caderno da Realidade (CR): O CR é onde o jovem registra e anota as suas reflexões, os estudos e aprofundamentos. É o lugar onde fica ordenada boa parte das experiências educativas acontecidas no CEFFA.

A união do PE e CE permite ver, julgar e agir dentro da realidade de hoje, é um treinamento de expressão oral e escrita, ajuda a analisar e sistematizar e serve de união da ação à reflexão e desta à ação.

- Colocação em Comum (CC): A colocação em comum é uma estratégia de socialização da pesquisa do PE, na qual ocorrem debates, problematizações, perguntas, síntese do conhecimento de cada aluno no conhecimento do grupo. É neste momento que os alunos conseguem expor seus problemas, suas dificuldades, os anseios e as soluções, que às vezes estão mais simples que parecem ser, este momento deve ser metodológico de forma que não fique nada para trás, tudo deve ser discutido, analisado e compartilhado.

- Visita e Viagens de estudo: A visita e viagens de estudo são atividades constantes, organizadas a partir de cada tema do PE. Com estas visitas os jovens têm a oportunidade de viajar, ver realidades ímpares para a reflexão de sua vida, nesta podem ver na prática os sonhos que estão incutidos no interior de suas mentes, vendo o funcionamento das atividades, cresce o prazer de viver no campo de forma diferente, produtiva, organizada e sem medo. O ato de ver facilita muito a aprendizagem.

- Caderno Didático: Constitui um material específico com uma metodologia própria, elaborada para aprofundar teoricamente o PE. Este caderno didático pode ser construído a partir da realidade trazida no PE, mas também o aluno não fica preso só em sua realidade existem temas de fora para poder fazer uma reflexão crítica do assunto.

- Visitas às Famílias: No CEFFA, quando o aluno está em seu meio familiar, recebe a visita de monitores. A espontaneidade desse momento é fruto de uma troca de ideias, sobre questões sociopedagógicas e técnicas agropecuárias, ligadas diretamente ao meio familiar e escolar do jovem.

- Estágio: O estágio é um meio de possibilitar ao aluno o confronto com uma situação concreta e poder observar vivenciar, experimentar e praticar com acompanhamento devido dos monitores e orientadores de estágio e o CEFFA. O estágio faz parte do Plano de Formação de CEFFA, portanto ele se sustenta dentro de: objetivos, espaços, tempos, papéis e funções socioeducativas, na formação dos jovens do meio rural. Neste estagio muitas vezes o aluno constrói o seu projeto de vida.

- Intervenções Externas: As intervenções externas ou palestras acontecem como meios de aprofundamento dos temas do PE após a colocação em comum. O eixo da formação no CEFFA são os temas contextualizados que dão o verdadeiro sentido aos conteúdos estudados. Observando que essa intervenção acontece em horário de aula, já que tem objetivo de completar o tema do PE.

- Serão: O serão não é um instrumento pedagógico, mas sim uma atividade complementar, pois uma vez que os jovens pernoitam na escola é interessante que tenham atividade. Ele serve para debater questões curriculares ligadas aos temas do PE ou outros assuntos que surgem durante as aulas ou fora delas que despertam interesses e curiosidade. Essas atividades noturnas possuem valor educativo permitindo uma discussão viva. Os assuntos debatidos são orientados, muitas vezes, por pessoas externas.

Os serões permitem a valorização de recursos humanos locais, a intensificação de intercâmbio, solidariedade de pessoas da comunidade, junto ao CEFFA.

- Avaliação: A avaliação no CEFFA é continua levando em consideração todo o sistema de formação. Avalia-se todos os atores da formação, todo o processo de participação no desenvolvimento de todos os instrumentos.

No CEFFA avalia-se o aluno em todas as atividades, considerando a habilidade e convivência, cada monitor avalia o conteúdo na sua disciplina. Os aspectos qualitativos têm a mesma importância que os quantitativos no sentido de atribuir notas, porém, prioriza-se a formação humana.

- Projeto Profissional do Jovem (PPJ): Ao iniciar seus estudos no CEFFA, o jovem será orientado a construir seu projeto de vida. Será um meio de o jovem concretizar as pesquisas do Plano de Estudo, buscando conhecer melhor a realidade socioeconômica, cultural política profissional e regional. Toda trajetória educacional do CEFFA é para dar condições para o aluno a ter uma vida mais digna e independente, usando técnicas apropriadas a vida camponesa. Dar subsídios para a transformação do campo é uma missão que o movimento dos CEFFAs luta a cada dia para elevar a vida do homem e mulher das comunidades rurais.

Por ser referência no mundo rural, a educação alternativa, estabelece uma relação dialética com a comunidade, e constitui peça fundamental na transformação das perspectivas do educando como agente da história.

O CEFFA é organizado pedagogicamente pela alternância. Nela o aluno se torna interrogador, ativo, e motivado. Ele enxerga novos problemas, novas ações e, isto é finalmente um método de aprendizagem.

A alternância modifica o meio, participa da evolução do aluno e de sua promoção. A interrogação, a informação e a análise trazem uma tomada de consciência dos problemas não somente no jovem, mas no meio, no grupo inteiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a escrita desse texto conclui-se que a pedagogia da alternância surgiu devido à necessidade de pequenos agricultores que desejavam que seus filhos fossem incentivados para continuarem no campo.

É possível perceber que a pedagogia da alternância configura-se como uma proposta de ensino que traz benefícios aos jovens e suas famílias, sendo que, cada vez mais está se aperfeiçoando na maneira de ensinar os jovens agricultores a aproveitarem os recursos da agricultura na sua aprendizagem.

Uma vez que o jovem que estuda no CEFFA se sente estimulado para continuar estudando e também a viver no meio rural junto com a sua família o que diminui o índice de êxodo rural que ainda apresenta altos índices, causa a falta de empregos nas cidades brasileiras, pois o jovem não se sentirá medíocre e menos capaz estudando onde aprenderá a usar novas técnicas para obter sucesso no meio rural.

REFERÊNCIAS

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê Módulo I** - o (a) monitor (a) e a Associação. Brasília: UNEFAB. s/d.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MARTINS, L. dos S. **Casa Familiar Rural - CFR** - Formação a serviço da vida com dignidade no campo. (s/d). (Texto cedido pela organização).

POLÍTICAS DE FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES NO BRASIL

Letícia Rodrigues da Silva¹
Edite Maria Sudbrack²

INTRODUÇÃO

O estudo em tela origina-se do Projeto “Formação Inicial: trajetórias a serem construídas na docência”, e tem como Plano de Trabalho “Políticas de Formação Inicial de professores no Brasil”, o qual objetiva analisar, criticamente, as políticas de formação inicial de professores na última década, pois, segundo Shiroma (2004), as políticas públicas de caráter social, como a educação são estratégicas para o desenvolvimento social.

Sabe-se que, após a aprovação da LDB, lei 9394/96, o país vem realizando um grande número de reformas na formação de professores. A própria LDB, destina um capítulo em seu texto para orientar a formulação de políticas de formação docente no Brasil.

Após a LDB aconteceu a aprovação de Diretrizes para a Formação de Professores da Educação Básica, que é uma preocupação importante com a qualidade da formação inicial e continuada oferecida aos futuros professores.

Na sequência das leis elaboradas e aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação, destacam-se a Res 01 e Res 02/2001, as quais mostram a necessidade de uma formação de qualidade, que exige repertório de informações e habilidades, mas também que envolva conhecimentos teóricos e práticos a serem consolidados na prática profissional (BRASIL, 2001).

Mais recentemente, o Plano Nacional de Educação, Plano de Ações Articuladas, Plataforma Paulo Freire, representam possibilidades de superação do déficit histórico que a educação brasileira precisa enfrentar.

Pode-se enfatizar, ainda, o Dec. 6755/2005, que fala na Política Nacional de Formação de Professores, promovendo programas de formação inicial e continuada. Entende-se que este Decreto representa um passo importante na formação de professores no Brasil, na perspectiva de promover a qualidade da Educação Básica, bem como de avaliar os seus resultados.

¹ Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/Ensino Médio - CNPQ, URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS.

² Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI – Câmpus de Frederico Westphalen – Doutora em Educação e orientadora do projeto. Docente e Coordenadora do PPGedu, URI/FW.

Neste texto serão abordados os seguintes aspectos: conceito de política educacional; concepção de formação inicial; formação inicial X formação continuada; possibilidades e limites; Diretrizes para a Formação de Professores; conclusão do estudo.

A metodologia de investigação é qualitativa e descritiva, baseada em leituras de autores, fichamento, reflexões, análise e observação da realidade vivenciada como aluna de um Curso de Formação de Professores, Nível Médio, modalidade Normal.

Não se pode esquecer, entre outros aspectos, que a formação oferecida precisa considerar a necessidade de relação teórica e prática, incluir a pesquisa e a reflexão como suportes de uma melhor formação, ao lado da motivação do professor e de condições de trabalho e carreira.

1 POLÍTICAS DE FORMAÇÃO

1.1 Conceito de política educacional

Para começarmos a falar de políticas de formação é preciso termos uma noção de políticas educacionais. As políticas educacionais se originam das políticas públicas, que têm como objetivo atender as necessidades sociais, e por serem as políticas educacionais também políticas sociais segundo Bianchetti (2001) são definidas como um conjunto de estratégias que se compõe de planos, projetos e Diretrizes Específicas, com a finalidade de atender a dinâmica educacional.

1.2 Concepção de formação inicial

Atualmente vivemos em uma sociedade na qual é fundamental possuir formação adequada para exercer qualquer função. Não poderia ser diferente, no caso do profissional do magistério, ou seja, o professor. Independente da profissão é necessária a competência profissional, mas essa não pode ser uma formação qualquer, mas devidamente compatível com a ideia de profissionais capacitados, qualificados e competentes. Nesse sentido é importante analisar que conceitos atribuímos à formação. Formar (etimologicamente) significa desenvolver, criar, dar forma. Todo processo de formação implica alguma aprendizagem. Em relação a tal conceito Carvalho nos diz: “É essa uma característica forte do conceito de formação: uma aprendizagem só é formativa na medida em que opera transformações na constituição daquele que aprende” (CARVALHO, 2008).

Portanto, é através da formação inicial que o indivíduo estabelece uma relação entre a aprendizagem e a formação, na qual a aprendizagem tem por objetivo formar e transformar o indivíduo em um ser prático e reflexivo, sendo capaz de compreender o meio em que está inserido.

Reportando-nos à formação inicial profissional docente, ela é fundamental, pois é necessário que sejam formados profissionais capazes de dar conta da complexidade do fazer docente, um profissional capaz de ensinar de maneira a colaborar com o processo de aprendizagem dos alunos.

Para o profissional docente é preciso construir uma identidade. A identidade profissional recebe influências da sociedade e da época em que o profissional está inserido, sendo assim é preciso que as novas características respondam as demandas da atual sociedade.

1.3 Formação inicial X formação continuada: possibilidades e limites

A formação inicial, como dito antes, se faz necessária para que se forme um profissional capaz de cumprir as tarefas exigidas pela docência, a qual é realizada em cursos de licenciatura ou na modalidade Normal.

Assim, no convívio cotidiano em sala de aula, é necessário que o professor esteja atento às constantes inovações, problematizando-as em sua prática para que possa desempenhar o seu trabalho de maneira coerente. Tomando isso como princípio, pode-se afirmar, segundo Tardif (2004), que o saber do professor é um saber social, porque é uma prática social e se dá num coletivo.

Para tanto, a formação continuada se faz necessária, já que visa a possibilitar a construção de uma nova identidade profissional, bem como para renovar os saberes docentes para que estes possam servir de subsídios para o aperfeiçoamento de sua prática pedagógica. Levando em consideração que para exercer a profissão docente em nossa sociedade atual é preciso estar atento às novas transformações pelas quais o contexto escolar é influenciado, formação inicial e continuada são duas faces da mesma questão.

A formação continuada deve colaborar para a melhoria da prática pedagógica em sala de aula, nesse sentido é fundamental que os responsáveis pelas políticas públicas de oferta dos cursos de formação continuada levem em consideração o fato de que cada contexto possui as suas especificidades e, portanto, os temas propostos não devem ser generalizados.

Tardif (Id.) ainda nos coloca a ideia de que os saberes docentes são adquiridos em um contexto através de uma socialização profissional. O saber não é definido de uma só vez, mas

é construído ao longo da carreira profissional, na qual o professor pode ou não modificá-lo. A formação continuada vem, portanto, ao encontro da renovação desses saberes fundamentais ao aperfeiçoamento da prática pedagógica.

É necessário, além disso, repensar a integração entre formação inicial e formação continuada incentivando os professores a participar ativamente desse novo processo de aprendizagem. Vale dizer que a formação inicial é o ponto de partida para a formação do profissional docente, mas não é o suficiente para que a sua prática seja satisfatória. É necessário estar em constante aperfeiçoamento para saber como agir diante das mudanças, por isso, a formação continuada torna-se de grande importância para o professor, é através dela que os professores ampliam seus saberes pedagógicos e científicos, refletem sua prática e, portanto, contribuem para a melhoria do ensino e da sociedade.

1.4 Diretrizes e desafios para a Formação Docente

Muitas reformas ocorridas no período pós LDB, como por exemplo, a priorização do ensino fundamental na política de financiamento, via instituição do FUNDEF, pela emenda à Constituição número 14/06 e lei número 9424/96, representam um marco nas políticas educacionais.

Por meio da referida emenda o amplo direito à educação do nascimento à conclusão do ensino médio sem o limite de idade previsto na lei número 5692/71, foi substituído pela prioridade no ensino fundamental e a progressiva universalização do ensino médio. Essa alteração constitucional marca a mudança de foco nas políticas educacionais coerentemente com o que ocorria no campo das políticas sociais. Recentemente, o FUNDEB, representa um avanço no financiamento e valorização do magistério envolvendo toda a educação básica.

A partir da nova LDB, lei 9394/96, foram realizadas várias reformas na educação brasileira acompanhando tendência mundial, influenciados pela melhoria da economia nacional por causa do fortalecimento dos vínculos entre escolaridade, emprego, produtividade e comércio; também pela melhoria no desempenho dos estudantes nas habilidades e competências relacionadas ao emprego, a obtenção de um controle mais direto sobre o currículo e a avaliação, a redução dos custos da educação e o aumento da participação da comunidade na escola. A realização dessas reformas foi justificada pela necessidade de modernizar o país.

No que se refere à Formação Docente, destaca-se como fundamental a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, cujo

texto estabelece um conjunto de princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados na organização institucional e curricular de cada estabelecimento de ensino e aplicam-se a todas as etapas e modalidades da Educação Básica.

O presidente do Conselho Nacional de Educação, de conformidade com o disposto no art. 9º §2º alínea “c” da lei número 9.131 de 25 de novembro de 1995 e com fundamento no parecer CNE/CP09/2001, de 08 de maio de 2001, peça indispensável no conjunto das presentes Diretrizes Curriculares Nacionais, resolve aprovar as diretrizes para a formação de professores.

As diretrizes visam a qualificar a aprendizagem do aluno; o acolhimento e o trato da diversidade; o aprimoramento em práticas investigativas; o uso de tecnologias e metodologias estratégicas e materiais de apoio inovadores.

A formação de professores pauta-se por princípios para nortear o preparo de educadores como a competência e concepção nuclear na orientação do curso e na coerência entre a formação oferecida e a prática esperada do futuro professor.

Presenciamos, atualmente, um olhar mais atento das Políticas de Formação de Professores. O incentivo à formação docente se dá em várias medidas governamentais, entre as quais o PIBIC – Ensino Médio, PIBID, Parfor, FIES, entre outros programas de apoio e financiamento. Tais programas têm estimulado o acesso e a permanência de jovens nas licenciaturas, valorizando também o trabalho docente das redes de ensino e das Universidades.

1.5 Desafios

A educação brasileira tem muitos desafios, mas seu maior desafio com certeza é atingir um nível maior no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) este foi criado em 2000 para servir de indicador de qualidade. O IDEB mede o desempenho do sistema estabelecido numa escola, e que vai de 0 a 10. A média a ser alcançada é 6 a mesma que obtém os países desenvolvidos, a meta da educação brasileira é alcançar essa média até 2021. Para que o Brasil atinja essa meta, o MEC oferece apoio técnico e financeiro aos municípios com índices insuficientes de qualidade de ensino, mas para isso municípios e estados tiveram que aderir ao “Compromisso Todos pela Educação” e ao Plano de Ações Articuladas e com isso se comprometeram a alcançar metas como alfabetizar todas as crianças até, ao máximo, oito anos de idade.

Com o apoio dado aos municípios e uma relação mais próxima o Ministério da Educação traçou metas de desempenho bianuais para cada escola até 2022. Em 2005 foram levantados os dados e feita a primeira medição e a nota atingida foi de 3,8. Em 2007 essa nota subiu para 4,2 ultrapassando as projeções.

A ideia de que a melhoria na Educação Básica é compromisso de todos é recorrente nas políticas educacionais a partir dos anos 1990. O apelo ao compromisso social para com a melhoria da educação é fundado na noção de que a educação é responsabilidade da família e dos indivíduos e esse também é um desafio, fazer com que a sociedade se envolva na melhoria da educação e que isso é o melhor para todos.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir nesse breve ensaio que, mais do que leis bem elaboradas, precisamos que elas sejam cumpridas e que a sociedade empenhe-se em fiscalizar o seu cumprimento. Os gestores devem levar em conta sempre o bem coletivo. Neste sentido, enfatiza-se a necessidade de haver políticas capazes de suprir necessidades quanto à Formação Inicial de Professores no Brasil, que atendam realmente a todos os interesses desta classe.

Além da legislação, também pode-se mencionar sobre o educador em si. É obrigação do mesmo ser competente e não se acomodar, estar atento a tudo o que acontece a sua volta, às novas tecnologias, por exemplo, buscar saber mais, evoluir cada vez mais, estar integrado à realidade e saber adequar a prática à teoria. Mas o principal papel do educador em sala de aula é trazer a realidade de seu aluno para dentro da escola, levar em conta o que acontece lá fora e ter consciência de que isso influencia na sua aprendizagem, como menciona Tardif (2004), problematizando, em sua prática, as constantes inovações para que, assim, desempenhe um trabalho coerente em prol de todos os envolvidos no processo ensino/aprendizagem.

Lendo muitos textos sobre o assunto, vendo o que pensam e dizem os grandes estudiosos da educação, conclui-se que para um melhor resultado das políticas educacionais é preciso uma fiscalização mais rígida, uma atenção maior das autoridades competentes para que essas leis bem redigidas atendam a todas as necessidades da educação em geral, principalmente por se tratar de educadores, profissão fundamental para a qualificação de profissionais que venham a atuar em todos os ramos da sociedade.

REFERÊNCIAS

BIANCHETTI, R. G. **Modelo neoliberal e políticas educacionais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Res. 01 e 02/2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>.

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>.

BRASIL. **Política Nacional de Formação de Professores**. Dec. 6755/2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Decreto/D6755.htm>.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Sobre o conceito de formação: Diferenças entre o que aprendemos e o que nos afeta como seres humanos. **Revista Educação**. SP, 2008. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?>. Acessado em: 21/09/2011, às 15h35min.

CNE. **Conselho Nacional de Educação**. Brasília, 2002.

LDB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 5. ed. Brasília: Câmara, 2010.

MEC, Ministério da Educação. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. Brasília, 2007.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. São Paulo: Vozes, 2004.

A ASSOCIAÇÃO DA TEORIA E PRÁTICA COMO O IDEAL PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES

Ana Paula Sassanovicz¹
Elisabete Cerutti²

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a relação teoria e prática, baseia-se na necessidade de enfatizar que elas estão interligadas, não podendo, assim, haver uma dissociação e, sim, ressaltar a importância de uma para com a outra.

Neste contexto precisa-se levar em conta que é necessário entender essa ligação durante sua formação para, depois, aplicá-la no contexto profissional.

Desta forma, o professor conseguirá rever seus métodos, tentando melhorar sua teoria e conseqüentemente a sua prática. E através da pesquisa ele poderá alcançar essas metas, pois expandirá seus conhecimentos, buscará o novo, o diferente, terá uma prática diferenciada daquele professor que não pesquisa, que não muda sua teoria nem sua prática.

Diante das questões expostas, este artigo abordará sobre teoria e prática e sua relação com a formação do professor. Relação esta, que contribui para a vida docente, permitindo ao educador criar um elo entre a teoria aprendida e a prática aplicada, capaz de adequar sua teoria de acordo com as realidades encontradas, sendo coerente com aquilo que sabe, pois não basta saber e não utilizar na sua prática.

Num primeiro momento trataremos reflexões sobre a formação do professor, posteriormente o artigo abordará concepções sobre a relação teoria e prática na vida docente.

1 REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Ao nos questionarmos sobre formação do professor, percebemos que é um tema necessário a ser discutido na sociedade, pois a mesma está preocupada em ter profissionais capacitados para a tarefa social de educar, em ter profissionais competentes com capacidade de inovar, criar situações de aprendizagem prática com os alunos, com vontade de fazer a

¹ Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/Ensino Médio - CNPQ, URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen - RS

² Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI-Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS

diferença. De acordo com Celestino (2006, p.74) uma das causas dessa necessidade traduz-se no mercado, o qual, a cada dia seleciona pessoas com autonomia para emitir opiniões.

É notável que, quando é pesquisado, o professor amplia seus conhecimentos com o intuito de esclarecer as dúvidas de seus alunos, pois segundo Jung (2008) a pesquisa, na sua formação, é uma forma de mostrar, para os futuros professores, como é importante buscar novos conhecimentos, pois é preciso ser inovador e criativo perante os alunos que estão sempre curiosos frente a novos conteúdos.

Em vista disso, o educador conhece novas metodologias para suas aulas, e busca adaptar suas concepções no contexto educativo. Seu conhecimento faz com que desempenhe uma função fundamental no desenvolvimento dos alunos. Conforme Celestino (2006, p. 77), “saber é perceber, analisar e combater resistências e impasses ligados à cooperação”. É praticar uma autoavaliação.

A tarefa de ensinar é muito complexa e requer responsabilidade, competência, dedicação e conhecimento. O educador, quando assume o compromisso com uma sala de aula, deve se responsabilizar ainda em ser competente e ter o desejo de ajudar o aluno a construir-se dentro de uma sociedade. Mesmo que haja falta de recursos, o professor deve buscar o novo e acabar com a monotonia do cotidiano, não ficando somente focado em um livro didático, mas sim, em tudo o que se passa fora da sala de aula, relacionando o conteúdo com a vida social do aluno. Para Moysés (1994, p.124) “se os conteúdos forem trabalhados e enriquecidos, mais do que o resumo esquemático do livro ou do texto, o que deverá ficar para o aluno é o sentido que ele conseguiu captar do trabalho de construção desenvolvido pela professora”.

No entanto, para termos educadores qualificados e capazes de adquirir autonomia, é indispensável que ocorra uma mudança significativa na formação dos mesmos. De acordo com Rau, Romanowski e Martins (p.653) é preciso buscar um novo paradigma na formação docente, rompendo com modelos antigos de forma a abandonar a segmentação dos conhecimentos que acontece através da fragmentação das disciplinas.

Podemos considerar que houve uma grande evolução no processo de formação dos professores, mas não é suficiente para que se adotem novos paradigmas ao processo de aprendizagem. Para os autores citados acima, a formação dos educadores é indissociável dos esforços da educação permanente e continuada, não se deve fechar em si mesma, mas tornar-se uma das peças fundamentais de qualquer sistema educativo.

Assim, como a educação muda, os profissionais também devem mudar, transformando a sua teoria e sua forma de aplicá-la, por isso que os professores devem estar sempre

atualizados, reciclando-se diariamente. Segundo Borelli (p. 213), para que alguém produza conhecimento sobre o ensino é necessário que esta pessoa, se não estiver atuando nesse contexto, tenha um vasto conhecimento desse processo.

A reflexão do professor pode ser automática ou intencional, com objetivos a serem alcançados. E é através dela que o docente constrói o saber, dessa forma um professor reflexivo incentiva seus alunos a refletirem sobre suas ações. Conforme Jung (2008) a pesquisa não é tratada como algo essencial na formação, mas deve ser um “princípio formativo” na universidade. Sendo assim, a universidade tem o dever de formar os futuros professores de forma a instruí-los a buscar novos conhecimentos, e isso pode ser feito através da formação continuada.

Portanto, verificamos que o processo de formação docente não deve ser voltado somente para a fragmentação de disciplinas. Deve fazer parte do currículo de formação a vivência de atividades que desenvolvam a criatividade do docente, que mais tarde será explorada nos alunos.

Vale, entretanto, ressaltar que as experiências vividas pelos docentes durante a sua formação devem ser significativas na sua vida profissional. O professor precisa mudar a maneira de ensinar, proporcionando vivências de atividades que se tornem importantes experiências na vida dos alunos. De acordo com Cunha (2001) a inovação, exige a procura de uma situação nova que geralmente se instala a partir de um sentimento anterior de insatisfação.

Os estudantes sentem-se cativados e mais interessados quando se deparam com novas possibilidades de aprendizagem, que são pesquisadas e adaptadas ao nível de conhecimento dos alunos, para essas possibilidades existirem, o professor precisa apresentar um interesse adquirido durante sua formação, precisa receber uma formação teórica sólida que faça com que adquira uma postura reflexiva crítica, que contribui para o aprimoramento de sua prática.

Segundo Cunha (2001, p.108) “alcançar esse patamar foi uma das dificuldades e desafios mais apontados pelos docentes, muitos alunos não resistem às novas propostas, sentem-se inseguros e agarram-se ao pensamento pragmático dominante”. A insegurança desses alunos acaba prejudicando o desenvolvimento dos conteúdos, pois se torna complicado para o professor explicar e mais difícil para o aluno compreender.

É preciso ressaltar, ainda, que deve acontecer uma mudança no currículo dos cursos de licenciatura, uma mudança significativa para professores e alunos. Dominar o conteúdo específico de cada curso também é fundamental, e é um assunto sempre abordado pelos professores de cursos de formação. De acordo com Backes (...) “a necessidade de formação de

um professor pesquisador se apresentaria pela necessidade da educação para o pensamento e não simplesmente para a recepção de informações”.

2 A TEORIA E A PRÁTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Um dos problemas que se apresenta à formação atual dos educadores é a separação entre teoria e prática, ou seja, a necessidade de formação teórica para uma prática pedagógica. Para Serafim (2010, p.1-2) “a prática, quando tomada como autossuficiente, não passa de mera técnica. Esta nos mostra o como fazer, nos dando prescritivamente passos para realizarmos determinada tarefa”.

O saber docente não é formado apenas pela prática, mas também pela teoria, esta é feita e cabe ao profissional aplicá-la de acordo com a realidade de sua sala e para isso há necessidade de reflexão, o professor deve compreender o que faz, isso o leva a refletir, pois ele não recebe um conhecimento pronto e sendo inacabado faz com que ele reflita sobre esse conhecimento e transforme-o. Segundo Borelli (p. 216) “dessa forma, o conceito do professor reflexivo vence o distanciamento que existia até então entre teoria e prática. Os professores passam a ser vistos como produtores de teoria a partir de sua prática e do conhecimento que utilizam diariamente”.

O professor reflexivo é aquele que faz com que os alunos pensem, reflitam e refaçam sua teoria, através da experiência e do conhecimento adquirido, aquele também que desperta o interesse e a curiosidade de seus alunos, que os ensina a pensar, que usa o conhecimento empírico do aluno a seu favor, ligando-o a sua aula.

A reflexão pode ser simplesmente automática, mas também pode ser intencional, com objetivos a serem alcançados. E é através dela que construímos o nosso saber, é dessa forma que um professor reflexivo incentiva seus alunos a refletirem sobre suas ações e reformularem sua teoria.

Por meio da reflexão os professores podem se tornar mais conscientes de sua prática, dos conhecimentos que ela mobiliza e, assim, atuar em busca de melhorias.

É notável que o conhecimento pessoal do professor é a base para a construção de outros conhecimentos, que se tornam relevantes para sua prática. De acordo com Borelli (p. 219) “temos que reconhecer, contudo que a relação dialógica entre teoria e prática não é facilmente estabelecida. Muitas vezes, ansiosos por resolver os problemas que enfrentam do dia a dia, os professores tendem a dar o maior valor às questões práticas”. Porém devemos ser conscientes de que não temos teoria sem prática, nem prática sem teoria, porque para realizar

a prática devemos ter um conhecimento sobre o que estamos fazendo, enfatizando sempre que uma depende da outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível concluir que é importante a reflexão na vida de um professor, a mesma faz com que ele se torne consciente de sua prática, compreendendo o que faz e atuando em busca de melhorias.

Considerando que o professor precisa ter uma teoria e saber utilizá-la na sua prática, é oportuno dizer que ele não é responsável apenas por ensinar os conteúdos, mas também de ensinar os alunos a serem críticos, argumentadores, pesquisadores e a terem objetivos e irem em busca dos mesmos não se acomodando.

Nesse sentido, podemos destacar a importância de respeitar os saberes dos educandos, o que eles vivenciam fora da escola, aproveitando suas experiências e relacionando-as com a aula, proporcionando, assim, uma maior interação de todos.

Portanto é preciso superar a questão de que o professor só realizará uma boa prática se receber uma boa fundamentação teórica durante sua formação, considerando que é preciso adaptar sua teoria de acordo com a realidade encontrada, acrescentando a sua teoria anterior às experiências adquiridas durante sua prática.

REFERÊNCIAS

BACKES, Lucas Henrique. **Professor pesquisador**. Disponível em: <www.mat.UFRGS.BR/~vclotilde/disciplinas/pesquisa/texto/_Backes.Pdf>. Acesso em: 28 jul. 2011.

BORELLI, Julma D. Vilarinho Pereira. **Pensando a relação teoria e prática na formação docente**. UNIFAN/UFG, 01 dez. 2010. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~clafpl/18_Julma_Borelli.pdf>.

CELESTINO, Marcos Roberto. **A formação de professores e a sociedade moderna**. Dialogia, São Paulo, v. 5, p. 73-80, 2006. Disponível em: <<http://www4.uninove.br/ojs/index.php/dialogia/article/viewFile/889/761>>.

CUNHA, Maria Isabel da. Aprendizagens significativas na formação inicial de professores: um estudo no espaço dos Cursos de Licenciatura. **Interface Comunic, Saúde, Educ**, v. 5, n. 9, p.103-16, 2001.

JUNG, Karen Maria. **A pesquisa na formação do professor**. Disponível em: <http://143.54.226.61/~vclotilde/disciplinas/pesquisa/texto_Jung.Pdf>. Acesso em: 14 ago. 2011.

MOYSÉS, Lúcia M. **O desafio de saber ensinar**. Editora da UFF: São Paulo, 1994.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles.; ROMANOWSKI, Joana Paulin.; MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **O lúdico na formação de professores do Ensino Fundamental e Educação Infantil**. Disponível em:
<www.pucpr.br/eventos/educere/educere2005/anaisEvento/documentos/com/TCCI054.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2010.

SERAFIM, Mauricio Custódio. A falácia da dicotomia Teoria-Prática. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 07, 2001. Disponível em:
<<http://www.espacoacademico.com.br/007/07mauricio.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2010.

A presente edição foi composta pela URI,
em caracteres Times New Roman e Cambria,
formato e-book pdf, em maio de 2013.